

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA

JOSEANE DE BRITO BEZERRA NUNES

PEDAGOGIA GRIÔ: EDUCAÇÃO, CULTURA E ANCESTRALIDADE NA ESCOLA
ESTADUAL NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO NO MUNICÍPIO DE MANACAPURU

MANAUS - AMAZONAS

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA

JOSEANE DE BRITO BEZERRA NUNES

PEDAGOGIA GRIÔ: EDUCAÇÃO, CULTURA E ANCESTRALIDADE NA ESCOLA
ESTADUAL NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO NO MUNICÍPIO DE MANACAPURU

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA), da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), como requisito para obtenção de Título de Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia.

Área de concentração: Processos Socioculturais na Amazônia.

Linha de Pesquisa II: Redes, Processos e Formas de Conhecimentos.

Orientadora: Profa. Dra. Marilene Corrêa da Silva Freitas

MANAUS

2024

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

N972p Nunes, Joseane de Brito Bezerra
Pedagogia Griô: educação, cultura e ancestralidade na Escola Estadual Nossa Senhora do Rosário no município de Manacapuru / Joseane de Brito Bezerra Nunes . 2024
87 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Marilene Corrêa da Silva Freitas
Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Pedagogia Griô. 2. Ensino Aprendizagem. 3. Práticas Pedagógicas. 4. Saberes Tradicionais. I. Freitas, Marilene Corrêa da Silva. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

JOSEANE DE BRITO BEZERRA NUNES

PEDAGOGIA GRIÔ: EDUCAÇÃO, CULTURA E ANCESTRALIDADE NA ESCOLA
ESTADUAL NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO NO MUNICÍPIO DE MANACAPURU

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA), da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), como requisito para obtenção de Título de Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia.

Área de concentração: Processos Socioculturais na Amazônia.

Linha de pesquisa 2: Redes, Processos e Formas de Conhecimentos.

Dissertação defendida em 20/03/2024.

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Marilene Corrêa da Silva Freitas (Presidente)

Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA/UFAM)

Prof^ª. Dra. Fabiane Maia Garcia - (Membro)

Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE/UFAM)

Prof^ª. Dra. Paula Mirana de Souza Ramos - (Membro)

Universidade Federal do Amazonas – (UFAM)

Prof. Dr. Odenei de Souza Ribeiro (Suplente)

Programa de Pós-graduação Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA/UFAM)

Prof^ª. Dra. Tereza de Souza Ramos (Suplente)

Universidade Federal do Amazonas – (UFAM)

AGRADECIMENTOS

GRATIDÃO É A MEMÓRIA DO CORAÇÃO!

O versículo bíblico “Em tudo dai graças” de I Tessalonicenses 5:18, é algo que sempre circunda meus pensamentos. Se tem algo que aprendi desde sempre é a importância de sermos gratos e como esse sentimento expressado faz bem ao outro também, agradecer mesmo pelas pequenas coisas da vida.

Enquanto escrevo esse texto, rememoro quantas mãos me ajudaram a chegar até aqui, pessoas sem as quais não seria possível trilhar esse caminho desafiador, mas que me permitiu crescimento e aprendizado ímpares.

Então, agradeço antes de tudo à Deus por me proporcionar vida e saúde tão essenciais.

Quero viver Teus sonhos e planos a cada dia!

Minha gratidão aos meus genitores e formadores para a vida! Meu pai Antônio é um homem de habilidades admiráveis, não concluiu o Ensino Fundamental II, mas tem uma sabedoria incrível, aprendida com as experiências de vida que teve com meu avô e família. Ele me lembra um Griô. Minha mãe Joana é uma mulher extraordinária, hoje professora aposentada me ensinou o compromisso e zelo pela profissão. Tem acompanhado minha jornada no Mestrado bem de perto, caiu em campo comigo durante a pesquisa e como a sua companhia foi reconfortante.

Aos meus filhos, minha fonte de força e inspiração! Por amor à eles principalmente que sigo buscando dias melhores.

Agradeço com meu coração à Prof^ª Dra. Marilene Corrêa, uma mulher inspiradora que tive a honra de ter como minha orientadora e poder aprender tanto com ela. Mas para além de todo conhecimento e experiência que ela detém, é sensível e altruísta.

Minha tia Enilzabeth, grata sou por tê-la em minha vida e por toda sua dedicação.

Meus agradecimentos aos participantes da minha pesquisa, colaboradores da Escola Nossa Senhora do Rosário, alunos e comunitários, protagonistas desse trabalho de pesquisa. Quero agradecer aos meus colegas de curso, professores que compõem parte importante desse processo e me ajudaram a ser melhor.

À Universidade Federal do Amazonas – UFAM e ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA, que apresenta um olhar multidisciplinar da Amazônia, o que não poderia ser diferente dada a pluralidade dessa região que ao mesmo tempo é singular.

“Se pararmos para refletir, não é exagero dizer que todos nós temos pelo menos um griô na família: são eles as matriarcas e os anciãos reconhecidos em seus núcleos de convívio por sua forte conexão com a comunidade; pessoas capazes de contar histórias com letra minúscula que narram a história com letra

maiuscula a partir de um ponto de vista humano, comunitário e conectado com os vínculos sociais” (Renata Penzani).

RESUMO

Esta pesquisa propôs-se a investigar a presença e influência da Pedagogia Griô nos processos de ensino-aprendizagem da Escola Estadual Nossa Senhora do Rosário, situada na comunidade do Rosarinho, zona rural de Manacapuru. O objetivo foi examinar como os elementos distintivos da Pedagogia Griô estão incorporados nas práticas educacionais dos professores e na abordagem da escola como um todo, desde o planejamento até a implementação das atividades. Além disso, buscou-se compreender em que medida a cultura local desempenha um papel fundamental nessa dinâmica, bem como o envolvimento dos membros da comunidade no processo de construção do conhecimento, especialmente no que tange à valorização dos saberes tradicionais. Por meio de uma análise aprofundada desses aspectos, o estudo contribuirá para a compreensão das interações entre educação, cultura e ancestralidade, promovendo reflexões relevantes para o aprimoramento das práticas pedagógicas e o fortalecimento das conexões comunitárias.

Palavras-Chave: Pedagogia Griô. Ensino Aprendizagem. Práticas Pedagógicas. Saberes Tradicionais. Amazonas.

ABSTRACT

This research proposes to investigate the presence and influence of the Griô Pedagogy in the teaching-learning processes of the Nossa Senhora do Rosário State School, located in the community of Rosarinho, in the rural area of Manacapuru. The objective is to examine how the distinctive elements of Griô Pedagogy are incorporated in the teachers' educational practices and in the approach of the school as a whole, from the planning to the implementation of the activities. In addition, an attempt is made to understand the extent to which the local culture plays a fundamental role in this dynamic, as well as the involvement of community members in the knowledge construction process, especially with regard to the appreciation of traditional knowledge. Through an in-depth analysis of these aspects, the study will contribute to understanding the interactions between education, culture and ancestry, promoting relevant reflections for the improvement of pedagogical practices and the strengthening of community connections.

Keywords: Griô Pedagogy. Teaching Learning. Pedagogical practices. Traditional Knowledge. Amazonas

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Manacapuru, com vista para a orla da cidade.	57
Figura 2: Foto de início da civilização de Manacapuru, as margens do Rio Solimões.	59
Figura 3: localização e limites municipais de Manacapuru- AM.	60
Figura 4: Bandeira do município de Manacapuru	61
Figura 5: Brasão do município de Manacapuru.	62
Figura 6: Mapa de localização da comunidade.	63
Figura 7: Localização da escola ampliada	66
Figura 8: Escola Nossa Senhora do Rosário, Manacapuru.	66
Figura 9: Registro comparativo da Seca 2022 e da Seca 2023.	70
Figura 10: Professores elaborando apostilas no período da seca.	71
Figura 11: Professores realizando a entrega de apostilas no período da seca.	72
Figura 12: Alunos recebendo as apostilas 1.	73
Figura 13: Alunos recebendo as apostilas 2.	73

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Quantidade por turno.....	67
Quadro 2: Área e tempo de atuação dos docentes.....	69
Quadro 3: Desafios enfrentados pelos professores da escola.....	70
Quadro 4: Interação e troca de conhecimento entre escola e comunidade.....	72
Quadro 5: Interação cultural entre escola e comunidade.....	73
Quadro 6: Troca de saberes entre escola e comunidade.....	75
Quadro 7: Saberes tradicionais e sua utilização em práticas pedagógicas.....	77
Quadro 8: Aprendizagem e cultura local.....	78

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1: PEDAGOGIA GRIÔ	15
1.1 PERCURSO HISTÓRICO DA PEDAGOGIA GRIÔ	15
1.2 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DA PEDAGOGIA GRIÔ	18
1.3 RELAÇÕES COM TEORIAS EDUCACIONAIS.	21
1.4 ANCESTRALIDADE E TRADIÇÃO ORAL NA PEDAGOGIA GRIÔ	27
1.5 EXPLORAÇÃO DA HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA DA PEDAGOGIA GRIÔ	28
1.6 DIÁLOGO INTERGERACIONAL DA PEDAGOGIA GRIÔ.	28
1.7 CULTURA E IDENTIDADE NA PEDAGOGIA GRIÔ.....	29
1.8 ABORDAGEM CRIATIVA E SENSÍVEL DA PEDAGOGIA GRIÔ	30
1.9 DESENVOLVIMENTO DA PEDAGOGIA GRIÔ NO BRASIL E NO AMAZONAS ...	30
CAPÍTULO 2: METODOLOGIAS E ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS NA PEDAGOGIA GRIÔ	36
2.1 NARRATIVAS ORAIS COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA GRIÔ	37
2.2 A INTERGERACIONALIDADE NO ENSINO GRIÔ: TROCAS E CONEXÕES	42
2.3 EXPRESSÕES CRIATIVAS NA TRANSMISSÃO DO CONHECIMENTO GRIÔ	47
2.4 MÚSICA, DANÇA E ARTE COMO ELEMENTOS PEDAGÓGICOS GRIÔ.....	52
CAPÍTULO 3: TEIAS DE EDUCAÇÃO, CULTURA E ANCESTRALIDADE EM UMA ESCOLA NO ESTADO DO AMAZONAS	57
3.1 CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS SOBRE O MUNICÍPIO DE MANACAPURU	57
3.2 EVOLUÇÃO	58
3.3 POPULAÇÃO	58
3.4 ASPECTOS GEOGRÁFICOS E LIMITES	59
3.5 SÍMBOLOS.....	61
3.6 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA	63
3.7 FUNDAÇÃO DA ESCOLA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	65
3.7.1 Impacto da seca na dinâmica pedagógica na Escola Nossa Senhora do Rosário	69
3.8 PEDAGOGIA GRIÔ: A EXPERIÊNCIA DA ESCOLA ESTADUAL NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO.....	73

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	85
REFERÊNCIAS	88
APÊNDICE	

INTRODUÇÃO

Ao refletirmos sobre a educação brasileira, é crucial considerar que somente a partir de meados do século XX ocorreu o início do crescimento da educação básica no país. A expansão das redes públicas de ensino aconteceu mais proeminentemente no final dos anos 1970 e início dos anos 1980. A abertura democrática e a promulgação da Constituição Federal em 1988 marcaram a educação como um pilar do desenvolvimento econômico, político e social, com um potencial de redução de desigualdades e criminalidade.

Esse progresso foi resultado de reformas ocorridas desde 1930, quando o governo começou a criar e implementar políticas públicas e documentos regulatórios que modelaram o sistema educacional ao longo dos anos. Apesar dos avanços nas últimas décadas, notamos que os resultados alcançados na educação ainda se mostram modestos. Diversos programas e políticas educacionais foram introduzidos, incluindo aqueles com enfoque pedagógico, visando ampliar o alcance e a qualidade da educação no Brasil.

Nesse contexto, a educação do campo emergiu como uma área de foco relevante na educação básica. Iniciativas populares ganharam força no final dos anos 1970 e se transformaram em marcos temporais que impulsionaram mudanças significativas no cenário educacional, particularmente voltadas para atender às especificidades das áreas rurais.

No contexto amazônico, a Educação do Campo se apresenta como um desafio devido à diversidade multicultural e às particularidades socioculturais das populações rurais e ribeirinhas. Uma das características marcantes é a "heterogeneidade", conforme discutido por Hage (2005a), no entanto, nem sempre essa diversidade tem sido devidamente contemplada pelas políticas públicas.

Adicionalmente, outra preocupação pertinente diz respeito à realidade das escolas multisseriadas, cuja existência é notória. É notável que as práticas pedagógicas em tais contextos frequentemente não conseguem abranger a multiplicidade e diversidade de níveis de escolarização e saberes diferenciados, como preconizado pela abordagem da escola do campo.

A manutenção de uma conexão viva com a cultura é essencial para preservar a identidade de um povo. A prática de contar e ouvir histórias do passado, embora possa parecer descontextualizada no mundo contemporâneo e afastada da cultura atual, atua como uma ferramenta de perpetuação da ancestralidade, da cultura e das vivências e experiências em sociedade. Esta prática não apenas preserva, mas também é enriquecedora e envolvente.

A partir dessa reflexão, a presente pesquisa teve como objetivo explorar a Pedagogia Griô, uma abordagem educacional que busca valorizar a cultura e a tradição oral, promovendo

a transmissão de conhecimentos ancestrais por meio do diálogo e do resgate das histórias das comunidades. À primeira vista, é importante apresentar o tema e o problema de pesquisa que norteiam este trabalho, bem como justificar os motivos que levaram à realização desta pesquisa ao longo do mestrado.

O surgimento da Pedagogia Griô remete ao termo "griô", que representa os contadores de histórias africanos, cujo papel é essencial na preservação e transmissão do conhecimento ancestral. No entanto, é necessário compreender sua origem, o nascimento dessa abordagem e qual é a sua proposta pedagógico-metodológica. Essa contextualização se faz relevante para fundamentar a importância da Pedagogia Griô no cenário educacional contemporâneo.

Nesse sentido, torna-se essencial apresentar as principais referências teóricas e metodológicas que embasaram a Pedagogia Griô, evidenciando a contribuição de estudiosos que se dedicaram a compreender e desenvolver essa abordagem. Ao explorar essas referências, foi possível traçar um panorama abrangente da Pedagogia Griô, suas bases conceituais e suas contribuições para a educação.

Além disso, foi fundamental examinar exemplos concretos do desenvolvimento da Pedagogia Griô no Brasil, com ênfase no estado do Amazonas. Ao longo da pesquisa foram analisadas experiências e projetos educacionais que adotaram essa abordagem pedagógica, com o intuito de compreender os resultados alcançados e os desafios enfrentados na sua implementação.

Uma vez compreendidos os fundamentos teóricos e a aplicação prática da Pedagogia Griô, foi importante examinar os impactos dessa abordagem na formação dos educandos. Diante disso, foram investigados os efeitos positivos na aprendizagem, no desenvolvimento integral dos estudantes e na construção de identidades fortalecidas e autoestima elevada.

Entretanto, mesmo com os benefícios observados, há desafios que demandam atenção. A implementação da Pedagogia Griô nas escolas pode enfrentar resistências e obstáculos diversos, como a falta de familiaridade dos educadores com a abordagem, a escassez de recursos adequados e a necessidade de adaptação curricular. Nesse contexto, o papel do educador como mediador e facilitador se torna crucial para o sucesso dessa pedagogia.

Dessa maneira, a pesquisa teve como objetivo explorar a Pedagogia Griô como uma ferramenta para preservar a ancestralidade por meio das narrativas da memória cultural. Focalizando na prática pedagógica dos professores que atuam no Ensino Fundamental I e II e no Ensino Médio Mediado por Tecnologia da Escola Estadual Nossa Senhora do Rosário, na Comunidade Rural do Rosarinho, município de Manacapuru - AM.

A pesquisa buscou abrir um diálogo e oferecer contribuições para o aprimoramento das

ideias pedagógicas, especialmente na educação do campo em Manacapuru. Enfatizando que as políticas públicas da Secretaria Estadual de Educação (SEDUC) frequentemente não contemplam as particularidades da educação do campo, exceto pelo reconhecimento da sazonalidade das comunidades no calendário escolar. No entanto, a experiência e pesquisa com coordenadores e professores da zona rural indicam que a SEDUC não está adequadamente atendendo às políticas necessárias para a educação do campo no estado do Amazonas.

Os dados para a pesquisa foram coletados a partir de 10 professores graduados que atuam na Escola Estadual Nossa Senhora do Rosário, localizada na Comunidade do Rosarinho, na zona ribeirinha do município de Manacapuru. Essa comunidade é reconhecida pelas festas religiosas e culturais, e a escola leva o nome de Nossa Senhora do Rosário, a padroeira do lugar.

Situada na zona rural de Manacapuru, a Escola Estadual Nossa Senhora do Rosário está localizada na Comunidade Nossa Senhora do Rosário (Rosarinho), às margens do Rio Manacapuru e acessível por via fluvial. Foi fundada em janeiro de 2008 e desde então tem servido a uma clientela de alunos do Ensino Fundamental I ao Ensino Médio Mediado por Tecnologia.

A motivação pessoal e a afinidade com a temática foram fundamentais para inspirar esta pesquisa, resultado da formação acadêmica em História e especialização em Educação do Campo na Universidade Federal do Amazonas (Ufam). A relevância de preservar a identidade cultural e representatividade de um povo foi impulsionada por essas experiências.

A exploração do tema foi também enriquecida pelo curso de capacitação na Universidade de São Paulo (USP), que estimulou uma reavaliação curricular nas humanidades. O acesso a referências científicas relacionadas à temática reforçou a importância da ancestralidade e das narrativas históricas, bem como a capacidade de preservar essas memórias.

Essa jornada de descoberta incluiu a compreensão da Pedagogia Griô, de origem africana, que demonstra a capacidade das pessoas de transmitir conhecimento sobre costumes, culturas e histórias por meio de ferramentas sociais e educativas, como as narrativas históricas baseadas na oralidade. Além disso, a pesquisa de campo realizada na comunidade proporcionou uma avaliação do curso de Especialização em Educação do Campo, baseado na Pedagogia Histórico-Crítica de Demerval Saviani.

Como instrumentos técnicos, foram utilizados ao longo da pesquisa, câmera fotográfica, gravador de voz, questionário semiestruturado, computador, caderneta de anotações, GPS, imagens de satélites, entre outros. Após a coleta de campo, foi realizada a organização e análise dos dados de acordo com os objetivos propostos da pesquisa, que foram representados em tabelas, quadros, mapas, entrevistas transcritas. O que resultou na dissertação estruturada em

três capítulos.

O primeiro capítulo “Pedagogia Griô” apresenta uma abordagem teórica e histórica, destacando a origem na África Ocidental, onde os Griôs, também conhecidos como Djeli ou Jeliw, desempenhavam o papel de guardiões do conhecimento oral das comunidades. Ao longo dos séculos, esses mestres da tradição oral transmitiram conhecimentos, histórias, mitos, músicas e valores de geração em geração, contribuindo para a preservação da cultura e identidade dos povos africanos. Ainda nesse capítulo, apresenta como essa pedagogia chegou ao Brasil, consolidando como uma abordagem pedagógica mais recentemente, na década de 1990, com a disseminação dos conceitos e práticas através de projetos educacionais e culturais. A influência da cultura afro-brasileira, especialmente nas regiões onde há uma forte presença da herança cultural africana, contribuiu para a adoção e adaptação da Pedagogia Griô no contexto educacional brasileiro.

O segundo capítulo intitulado “Metodologias e estratégias pedagógicas na pedagogia Griô” apresenta os suportes metodológicos pensados e desenvolvidos de forma a promover uma educação contextualizada, participativa e interativa, valorizando os saberes locais e as experiências dos estudantes. Esse capítulo dá ênfase a contação de histórias como uma prática central na Pedagogia Griô, pois permite a transmissão de conhecimentos, valores e tradições de forma oral e envolvente.

Por fim, no último capítulo “Teias de educação, cultura e ancestralidade em uma escola no Estado do Amazonas” do qual trata exclusivamente da área de estudo e como a pedagogia Griô está presente no cotidiano das práticas pedagógicas realizadas pelos professores da escola estadual Nossa Senhora do Rosário, município de Manacapuru/AM.

CAPÍTULO 1 – PEDAGOGIA GRIÔ

1.1 PERCURSO HISTÓRICO DA PEDAGOGIA GRIÔ

De acordo com Costa (2014), a palavra "Griô" é uma adaptação brasileira do termo francês "griot". Esse termo refere-se a um papel desempenhado dentro de uma comunidade, onde o griô é responsável por transmitir informações sobre as tradições locais, cultura, religião, culinária e até mesmo a economia, desempenhando um papel importante na preservação e transmissão do conhecimento. Os estudos de Pacheco (2015) corroboram essa perspectiva, enfatizando a relevância do papel do griô na comunidade.

O que posso dizer é que a palavra foi abrigada durante nossa caminhada como educadores e idealizadores do Grãos de Luz e Griô, nas comunidades de Lençóis, Chapada Diamantina, em busca de criar um projeto político pedagógico nas comunidades tradicionais da região onde nascemos (Pacheco, 2015, p. 6).

Na história, fica evidente que os Griôs eram indivíduos localizados na região noroeste da África, desempenhando diversas funções sociais, como músicos, poetas e contadores de histórias. Sua atuação era essencial em rituais sociais importantes, como nascimentos, casamentos e funerais. Além disso, os Griôs ocupavam uma posição de destaque na sociedade, tanto do ponto de vista social e político, como também desempenhavam um papel econômico crucial no funcionamento das comunidades (Pacheco, 2015, p. 45).

Segundo Pacheco (2015), o termo Griô no contexto brasileiro apresenta uma variação na escrita, com a inclusão da letra "t" no final. Além disso, na região Nordeste, o Griô possui características específicas relacionadas às artes cênicas, como a apresentação oral acompanhada por voz e violão, contações de histórias utilizando indumentárias como chapéus, fitas, ternos, pequenos brinquedos, chitas e desenhos. É importante ressaltar que a atuação do Griô não se trata de um espetáculo ou uma performance, mas sim de uma ferramenta pedagógica que busca aproximar as crianças do contexto em que estão inseridas. É nessa perspectiva que este estudo se desenvolve.

A palavra Griô foi adotada por diferentes movimentos no Brasil, principalmente pelo projeto Grãos de Luz e Griô 86 (GLG), que desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento da Pedagogia Griô. Essa abordagem pedagógica passou a ser reconhecida como a pedagogia da tradição oral.

Conforme mencionado por Pacheco (2006, p. 3):

Pedagogia griô: origem No Brasil, no município de Lençóis-BA, a partir de 1999, uma ONG tomou emprestada a figura do griô africano, criando uma pedagogia com ênfase na metodologia oral, onde o personagem inventado, o griô brasileiro, se aproxima das pessoas, aprende várias histórias da cultura local e as retransmite para as outras comunidades por onde passa.

Para compreender a origem da Pedagogia Griô, é importante explorar a trajetória de criação da ONG Grãos de Luz e Griô. Essa organização sem fins lucrativos está situada em Lençóis, na Chapada Diamantina, Bahia, e ocupa um casarão cedido pela Igreja Católica no centro histórico da cidade.

Conforme Barzano (2009, p. 108) menciona, a história da organização pode ser descrita da seguinte forma:

[] Para seu funcionamento era preciso ter um prédio e as mães da igreja católica da cidade cederam esse espaço, colaborando com atividades de artesanato e reforço escolar. Em 1997, houve a institucionalização daquele projeto, principalmente pela necessidade de estabelecer as parcerias de apoios financeiros. A partir de 1998, as atividades pedagógicas passaram a ter um nome: Oficinas Grãos de Luz. Durante o ano de 1999 aconteceu o que chamei de: as atividades da ONG ganham os olhos da Secretaria Municipal de Educação de Lençóis (SMEL), pois foi o momento que se estabeleceu a parceria entre a ONG e a Prefeitura Municipal.

A ONG passou a realizar atividades envolvendo crianças, adolescentes e jovens, utilizando a metodologia da Pedagogia Griô como abordagem pedagógica. Essa metodologia busca estabelecer uma conexão entre a tradição oral e os processos educativos, visando a transmissão e preservação da cultura. A Pedagogia Griô surge a partir do olhar da educadora biocêntrica, Lillian Pacheco, no contexto do Projeto Grãos de Luz e Griô, que oferecia oficinas de artes e artesanato. Foi através desse projeto que a Pedagogia Griô se desenvolveu, abrindo espaço para o aprimoramento e expansão de suas práticas (Pacheco, 2011).

[...] Iniciou suas ações por volta de 1997, na cidade de Lençóis quando mulheres de um bairro periférico da cidade aproveitaram os momentos em que se reuniam em volta de uma fogueira para o preparo de uma sopa comunitária para oferecer oficinas de arte e artesanato para as crianças presentes. A partir dessas oficinas surgiram diversas parcerias que viabilizaram o projeto Oficinas Grãos de Luz nas quais foi criado um planejamento pedagógico (Pacheco, 2011, p. 4).

A Educação Biocêntrica é uma teoria que se fundamenta no respeito à vida, colocando-a como um valor ético central. Segundo Cavalcante (2008), essa abordagem educacional apresenta uma nova concepção de aprendizagem, tanto nas instituições escolares como em diferentes contextos, como família, trabalho e amizades. A proposta é proporcionar uma educação que promova o restabelecimento da afetividade e a construção de um mundo melhor para as futuras gerações.

A Educação Biocêntrica busca resgatar a cultura local e os conhecimentos ancestrais e tradicionais africanos que foram perdidos ou esquecidos, de acordo com Barzano (2009). Para alcançar esse objetivo, essa pedagogia se utiliza de diversas linguagens, como teatro, educação ambiental, biodança, brincadeiras, fotografia, filmagem, comunicação, artes gráficas, artesanato e retalhos.

Em essência, a Educação Biocêntrica busca criar um ambiente de companheirismo, respeito aos outros, criatividade, amizade, compaixão e respeito à natureza para que as crianças cresçam em um contexto livre de violência e valores alienados (Toro, 2002). É uma abordagem que valoriza a diversidade de expressões e saberes, proporcionando uma educação mais integrada e significativa para o desenvolvimento integral dos indivíduos e da comunidade.

O modelo de ação pedagógica proposto pelo Grãos de Luz e Griô baseia-se nas vivências afetivas e culturais e nos rituais de vínculo e aprendizagem, que facilitam o diálogo entre todas as pessoas, independente de idade, origem ou religião. A ideia é interagir saberes ancestrais de tradição oral com as ciências formais, fortalecendo a identidade cultural e a celebração da vida como um momento único de se vincular com o outro (Pacheco, 2006, p. 6).

De acordo com Costa (2014), durante a semana pedagógica municipal em 1999, a ONG teve a oportunidade de entrar em contato com a experiência apresentada por Lillian Pacheco e Márcio Caires.

Em 1999, a ONG firmou parceria com a Secretaria de Educação de seu município para que os conteúdos e metodologias elaborados a partir dessa proposta fossem incorporados ao currículo das escolas. A ONG passou a participar do processo de elaboração dos Projetos Político-pedagógicos das escolas municipais e na definição dos concursos de seleção para ingresso de docentes na rede de ensino (SILVA, 2012, p. 62).

Além das atividades realizadas em seu próprio espaço educativo por meio de oficinas, a ONG Grãos de Luz e Griô expandiu sua atuação para escolas e comunidades, estabelecendo parcerias e ganhando reconhecimento nacional na mídia impressa e televisiva. Conforme mencionado por Barzano (2009), foi nesse período que a ONG passou a adotar o nome de Grãos de Luz e Griô.

A partir de 2002, a organização ampliou suas atividades para 15 municípios da Chapada Diamantina, destacando-se a caminhada do velho griô, na qual os mestres griôs visitavam comunidades e escolas para compartilhar histórias. Essa abordagem educacional inovadora teve o poder de envolver e sensibilizar a comunidade sobre a importância da inclusão desses conhecimentos na educação escolar. O foco era promover o fortalecimento cultural e identitário,

por meio de oficinas de identidade, arte, tradição oral e cidadania, direcionadas a crianças, adolescentes e jovens, como parte das atividades desenvolvidas pela Grãos de Luz e Griô.

1.2 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DA PEDAGOGIA GRIÔ

A educação desempenha um papel fundamental na sociedade contemporânea, sendo um instrumento essencial para promover a transformação social por meio de práticas pedagógicas que estimulem uma abordagem crítica. De acordo com as perspectivas apresentadas por diversos teóricos, como Moreira (2004) e os cognitivistas Piaget, Wallon e Vigotsky, a prática pedagógica pode ser entendida de diferentes formas.

Para os behavioristas, a prática pedagógica consiste em atividades observáveis e concretas, com resultados mensuráveis e comprováveis. Já os teóricos cognitivistas enfatizam o desenvolvimento do raciocínio do educando e a capacidade de resolver problemas como foco principal da prática pedagógica. Por sua vez, os teóricos humanistas, como Maslow e Rogers, valorizam a importância das relações humanas e consideram toda a experiência de ensino-aprendizagem como parte da prática pedagógica.

No entanto, Machado (2005) ressalta que definir a prática pedagógica não é uma tarefa simples. Envolve uma compreensão abrangente e complexa que leva em consideração diferentes abordagens e teorias. Em suma, a prática pedagógica pode ser compreendida como um processo educativo que busca promover a transformação das pessoas e dos grupos, estimulando o pensamento crítico e valorizando as relações humanas, enquanto se adapta às necessidades e contextos específicos.

Contudo para Machado (2005, p. 2) definir a prática pedagógica:

Tornou-se quase um tormento, pois poucos haviam se dedicado a tal zelo, uma vez que para muitos, prática não se teoriza, prática se pratica. Colocava-se a descoberto a filosofia da educação que fundamenta a prática de cada um. Ficava claro que a divergência nas definições era de cunho filosófico.

A discussão sobre teoria e prática no campo da educação é uma tarefa complexa e em constante evolução, que busca criar um ambiente organizado capaz de promover a formação de cidadãos críticos, conscientes e engajados em sua realidade. Seja na teoria ou na prática, o objetivo é proporcionar uma educação comprometida com o desenvolvimento das habilidades necessárias para uma intervenção crítica e consciente por parte dos estudantes em seu contexto.

De acordo com Pacheco (2015), a proposta pedagógica da Pedagogia Griô busca

facilitar processos de vivência que fortaleçam a identidade da comunidade e sua conexão com a ancestralidade, tradições e celebração da vida. O intuito é criar uma ação pedagógica que potencialize o sentido de pertencimento, valorizando as raízes culturais e históricas, promovendo assim uma educação mais significativa e contextualizada.

As práticas pedagógicas da Pedagogia Griô são dialógicas, vivenciais, corporais, ritualísticas fundadas na oralidade. Foram elaboradas ou reelaboradas ao longo dos últimos vinte anos, em minha prática pedagógica como educadora biocêntrica e em parceria com Márcio Caires em sua iniciação com Mestres Griôs, durante atividades educativas e culturais dos projetos que escrevi e coordenei pedagogicamente: Grãos de Luz e Griô, Ação Griô Nacional, Trilhas Griôs, Universidade Griô. Só se incorporam efetivamente às práticas de Educadores Griôs e Griôs aprendizes que as vivenciam e que, progressivamente, compreendem afetivamente os conceitos discutidos anteriormente (Pacheco, 2011, p. 92).

A Pedagogia Griô se manifesta em um ambiente interativo, onde as práticas pedagógicas ocorrem por meio da tradição oral, como músicas, danças, histórias e mitos, criando um espaço escolar integrado. A execução de projetos permite que as pessoas se reconheçam e estabeleçam vínculos, promovendo o encontro entre si mesmas, o outro e suas raízes culturais.

De acordo com Soares (2017), a prática pedagógica Griô se baseia em princípios e práticas específicas, que devem ser seguidos. Esses princípios e práticas podem ser entendidos como diretrizes que orientam a implementação da Pedagogia Griô, proporcionando uma educação mais contextualizada e significativa para os estudantes, que são:

1. A ligação sagrada entre o ser e sua palavra;
2. A responsabilidade sagrada do ser em relação à vida na terra;
3. A função e o desenvolvimento da memória;
4. A importância do conhecimento total da vida;
5. A importância dos rituais na educação;
6. A vivência da rede de transmissão oral;
7. A valorização das artes e ofícios de tradição oral;
8. O lugar político, cultural, social, educativo e econômico os griôs e mestres de tradição oral;
9. A convivência intergeracional para o desenvolvimento da consciência ética;
10. A história de vida como fonte de conhecimento total e
11. O saber e a palavra como propriedade e autoria da grande cadeia ancestral de transmissão oral (Soares, 2017, p. 5).

Na Pedagogia Griô, destaca-se a importância da história de vida como uma fonte de conhecimento e a palavra como uma expressão autêntica da transmissão oral ancestral. Por meio desses princípios, a prática pedagógica Griô valoriza as narrativas pessoais, reconhecendo a história individual como parte de uma grande cadeia ancestral.

Essa abordagem pedagógica apresenta uma proposta inovadora de educação, na qual o aprendizado ocorre de maneira diferenciada, valorizando o contexto em que o aluno está inserido. Isso permite que o estudante se reconheça como um sujeito histórico e valorize suas experiências, descobrindo o sentido de sua ancestralidade e identidade. Esse processo contribui

para a valorização e afirmação da identidade cultural do aluno.

A Pedagogia Griô, conforme descrita por Pacheco (2015), tem como objetivo central promover vivências afetivas e culturais que facilitem o diálogo entre diferentes gerações, escola, comunidade e grupos étnico-raciais, unindo saberes ancestrais de tradição oral com conhecimentos formais. Valoriza-se o papel dos mestres Griôs na educação, reconhecendo seu lugar social, político e econômico. O propósito é desenvolver o conhecimento e um projeto de vida que enfatize a expressão da identidade, o vínculo com a ancestralidade e a celebração da vida.

No entanto, a Pedagogia Griô ainda enfrenta desafios em sua implementação, devido à resistência de muitos educadores em adotar metodologias inovadoras, especialmente aquelas que envolvem a oralidade e a cultura local. A sociedade, muitas vezes, não valoriza saberes que não são considerados "formais", o que dificulta o reconhecimento dos saberes ancestrais.

Estudos recentes têm destacado a importância de compreender que a educação não se limita ao espaço escolar e que uma aprendizagem de qualidade está fundamentada no desenvolvimento local e no empoderamento da comunidade. Isso requer que os professores se tornem pesquisadores, buscando novas práticas educativas, como as não-formais, indo além do eurocentrismo e da tradição escrita como única forma de conhecimento.

Esse modelo pedagógico da Pedagogia Griô reflete o contexto cultural da comunidade por meio da música, danças, culinária, medicina e emoções. Em vez de uma música universal, são valorizados os cantos e cantigas tradicionais; em vez de dança, brincadeiras e dramas tradicionais; e, em vez de emoções genéricas, são ressaltados os sentimentos identitários de pertencimento à comunidade. Além disso, são incorporados mitos, arquétipos, histórias de vida, ritos, símbolos e saberes e fazeres tradicionais como categorias fundamentais nesse modelo pedagógico (Pacheco, 2015).

Por isso, como prática pedagógica estas ações envolvem:

[...] músicas, cantos, sons e instrumentos da tradição oral e ancestral de um povo; movimentos, gestos arquetípicos, danças e brincadeiras da tradição oral e ancestral de um povo; emoções, sentimentos, sentidos identitários da tradição oral e ancestral de um povo; — ritos e símbolos que são reelaborados como rituais de vínculo e aprendizagem da tradição oral e ancestral de um povo; Mitos e arquétipos da tradição oral e ancestral de um povo, relacionados a histórias de vida de heróis do cotidiano e ancestrais, com suas lutas e projetos sociais, políticos e econômicos; Ciências da vida, das artes e ofícios tradicionais, dos saberes e fazeres que celebram e sustentam a vida da comunidade (Pacheco, 2015, p. 91-92).

A metodologia da Pedagogia Griô baseia-se na valorização da identidade e ancestralidade de cada participante como elemento fundamental para a construção do

conhecimento. O currículo referencial dessa abordagem integra saberes tradicionais e orais, colocando a oralidade e as histórias de vida dos familiares dos alunos como recursos pedagógicos.

Conforme apontado por Paula (2016), a prática pedagógica Griô possibilita que, por meio da oralidade e das histórias de vida, os alunos valorizem sua identidade. Através de entrevistas e registros, eles podem compreender a história de seus ancestrais e apreender a memória guardada por seus familiares. Essa abordagem busca valorizar as experiências tanto dos professores quanto dos alunos, tanto profissionais quanto pessoais, de indivíduos negros e brancos. O compromisso está em superar o racismo na escola e na sociedade, transformando as experiências de vida em uma luta por uma sociedade mais humana, plural e livre de racismo.

A Pedagogia Griô tem como referências teóricas e metodológicas o povo que caminha e reinventa a roda todos os dias no Brasil e na África: educadores, psicólogos comunitários, educadores, gestores políticos e principalmente mestres Griôs brasileiros e africanos (Pacheco, 2015, p. 33).

Para garantir a eficácia da Lei 10639/03, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas, é necessário que os educadores mudem suas posturas. Muitos acreditam equivocadamente que apenas aqueles interessados e afinados com a temática devem abordá-la. No entanto, a lei foi instituída para que todos os educadores a implementem como um direito.

A Pedagogia Griô vai além de trabalhar a criticidade dos alunos. Ela também incentiva a criatividade, desenvolve a sensibilidade em relação às questões culturais e se baseia nos mestres eleitos pelas próprias comunidades. O objetivo é promover o respeito e a sensibilização durante o processo de aprendizagem.

É importante ressaltar que os professores não devem ser culpados por desconhecer a Pedagogia Griô. No entanto, se essa abordagem inovadora for integrada à produção e, principalmente, à formação inicial dos professores, ela acrescentará um diferencial emancipatório à educação em nosso país.

1.3 RELAÇÕES COM TEORIAS EDUCACIONAIS

A Pedagogia Griô, desenvolvida por Lílian Pacheco e Márcio Caires, apresenta uma abordagem educacional singular que dialoga com diversos princípios construtivistas, promovendo a construção ativa do conhecimento pelos alunos. Segundo Piaget (1982), o

construtivismo destaca a ideia de que o conhecimento é construído pelo próprio sujeito, por meio de suas experiências e interações com o meio. Nesse contexto, a Pedagogia Griô busca instigar a participação ativa dos alunos no processo de aprendizagem, proporcionando um ambiente que estimula a construção coletiva do saber.

O construtivismo, uma teoria que destaca o papel ativo do aprendiz na construção de seu conhecimento, encontra eco na Pedagogia Griô, que valoriza a participação ativa e envolvente dos alunos na construção do saber. Assim como propõe Vygotsky, a interação social e cultural é crucial no processo de aprendizagem, e a Pedagogia Griô incorpora essa premissa ao envolver a comunidade na transmissão do conhecimento (Dautro; Lima, 2018).

No âmbito construtivista, a interação social desempenha um papel crucial no desenvolvimento cognitivo dos indivíduos (Vygotsky, 1978). Na Pedagogia Griô, a ênfase na construção ativa do conhecimento se entrelaça com práticas sociais e culturais, proporcionando um ambiente de aprendizagem rico em interações. A vivência de danças, cantigas, mitos e oficinas de saberes e fazeres comunitários representa uma estratégia pedagógica que alinha a participação ativa dos alunos aos fundamentos construtivistas.

Como destaca Piaget (1974), o desenvolvimento cognitivo ocorre por meio de estágios nos quais os indivíduos constroem suas estruturas mentais. A Pedagogia Griô, ao reconhecer a importância da ancestralidade e da identidade local, incorpora a construção de saberes a partir da vivência e do diálogo, estimulando o desenvolvimento cognitivo alinhado à proposta construtivista. Dessa forma, a interação entre os saberes tradicionais locais e as ciências universais cria um ambiente de aprendizado no qual os alunos constroem conhecimento de maneira contextualizada e significativa.

O aprendizado social, que enfatiza a importância das interações sociais no desenvolvimento cognitivo, se alinha harmoniosamente com a Pedagogia Griô. A transmissão oral de conhecimento pelos griôs ocorre em um contexto social, onde a comunidade participa ativamente do processo educacional, promovendo a troca de saberes e experiências (Santos; Lima, 2009).

Segundo Bandura (1977), o aprendizado social enfatiza a influência do ambiente e das interações sociais na aquisição de conhecimento. A Pedagogia Griô, ao valorizar a oralidade como forma de transmissão de saberes, reconhece a importância das relações sociais na construção do conhecimento. A interação entre griôs, alunos e demais membros da comunidade é essencial para a troca de experiências e para a construção coletiva do saber.

A oralidade, como destaca Ong (1998), é uma forma de comunicação profundamente ligada à cultura e à transmissão de conhecimento em sociedades tradicionais. Na Pedagogia

Griô, a ênfase na oralidade não apenas preserva tradições culturais, mas também proporciona um ambiente de aprendizagem enriquecedor, no qual a narração de histórias, mitos e vivências contribui para a construção de significados compartilhados.

Ao se apropriar do aprendizado social, a Pedagogia Griô não apenas transmite informações, mas também promove a construção de identidades e a valorização da diversidade cultural. A interação constante entre os membros da comunidade, aliada às práticas culturais, cria um contexto educacional que transcende os limites da sala de aula tradicional, fomentando uma aprendizagem socialmente contextualizada e significativa.

Segundo Lévi-Strauss (1955), as histórias, rituais e mitos desempenham um papel crucial na construção do conhecimento e na transmissão cultural. Na Pedagogia Griô, a valorização desses elementos se reflete na ênfase dada às práticas culturais locais. As histórias narradas pelos griôs, os rituais compartilhados e os mitos transmitidos oralmente tornam-se ferramentas pedagógicas essenciais, conectando os alunos às suas raízes culturais.

A aprendizagem cultural na Pedagogia Griô não se limita apenas à transmissão de informações; ela busca proporcionar uma imersão ativa na cultura local, estimulando a participação ativa dos alunos em práticas tradicionais. Conforme destaca Freire (2000), esse engajamento é fundamental para a construção de uma consciência crítica e para a valorização da identidade cultural. Ao reconhecer e respeitar as tradições, a Pedagogia Griô promove um aprendizado que fortalece o sentimento de pertencimento e de orgulho cultural.

Assim, a Pedagogia Griô se entrelaça de maneira orgânica com teorias educacionais contemporâneas, destacando-se como uma abordagem que transcende fronteiras culturais. A integração dessas teorias fortalece a proposta pedagógica griô, enriquecendo o ambiente educativo com uma perspectiva holística, socialmente contextualizada e culturalmente relevante.

A Pedagogia Griô, ao integrar-se com teorias decoloniais, emerge como uma proposta pedagógica inovadora que desafia as estruturas educacionais tradicionais. A busca por uma abordagem que vai além das visões eurocêntricas na educação reflete o compromisso da Pedagogia Griô em promover uma educação mais inclusiva, contextualizada e culturalmente sensível.

Segundo Quijano (2005), as teorias decoloniais buscam descolonizar o pensamento e as práticas educacionais, questionando as hierarquias e assimetrias de poder historicamente estabelecidas. Nesse contexto, a Pedagogia Griô se destaca ao incorporar elementos da tradição oral, valorizando as culturas locais e desafiando a hegemonia eurocêntrica que muitas vezes permeia os currículos escolares.

A desconstrução das visões eurocêntricas na educação, proposta pela Pedagogia Griô, envolve uma revisão crítica dos conteúdos ensinados, dando espaço para os saberes locais e as diferentes perspectivas culturais. Mignolo (2003) destaca a importância de superar a colonialidade do saber, reconhecendo a diversidade de epistemologias e conhecimentos.

A abordagem Griô não se limita apenas à inclusão de conteúdos culturais; ela busca reconfigurar as relações de poder no ambiente educacional, promovendo uma participação mais equitativa e horizontal. A valorização da palavra, dos afetos e das memórias, características centrais da Pedagogia Griô, contribui para a construção de uma pedagogia mais democrática e emancipatória.

Ao desafiar as estruturas eurocêntricas, a Pedagogia Griô não apenas diversifica o repertório educacional, mas também oferece uma alternativa para a construção de identidades mais plurais e respeitadas com as diferentes formas de conhecimento. Essa integração com teorias decoloniais representa um passo significativo na busca por uma educação mais justa, inclusiva e alinhada com a diversidade cultural.

A integração da Pedagogia Griô com a Educação Biocêntrica de Ruth Cavalcante e Rolando Toro revela-se como uma abordagem pedagógica que transcende as fronteiras tradicionais, destacando a valorização da vida, identidade e ancestralidade na sua configuração.

A Educação Biocêntrica propõe uma compreensão holística do ser humano, considerando não apenas os aspectos intelectuais, mas também os emocionais, corporais e espirituais. Cavalcante e Toro (2003) argumentam que o biocentrismo propõe uma educação que reconhece a vida como centro, buscando uma conexão mais profunda com o próprio corpo, com os outros e com o meio ambiente.

Na Pedagogia Griô, essa perspectiva biocêntrica se manifesta na valorização da oralidade, das práticas culturais e na ênfase na vivência. A abordagem Griô busca não apenas transmitir conhecimentos, mas promover uma experiência de aprendizado que envolve o corpo, as emoções e as memórias.

Ao integrar elementos da Educação Biocêntrica, a Pedagogia Griô propõe um diálogo entre a sabedoria ancestral e os princípios biocêntricos, criando um ambiente educacional mais integrado e significativo. A busca pela conexão com a ancestralidade não se limita apenas à transmissão de histórias, mas incorpora práticas que resgatem tradições, rituais e valores culturais.

A Educação Biocêntrica, ao promover a consciência corporal e emocional, encontra eco na Pedagogia Griô, que reconhece a importância do movimento, da afetividade e do vínculo com a comunidade. A oralidade, como veículo de transmissão do conhecimento, alinha-se com

a proposta biocêntrica de valorizar a expressão integral do ser.

Assim, a Pedagogia Griô, ao dialogar com a Educação Biocêntrica, proporciona uma abordagem pedagógica que vai além do cognitivo, incorporando aspectos fundamentais para o desenvolvimento humano. Essa integração visa criar um espaço educacional mais alinhado com a vida, a identidade e a ancestralidade, promovendo uma educação mais completa e integradora.

A Pedagogia Griô, ao se alinhar com a abordagem dialógica de Paulo Freire, estabelece um ambiente educacional que enfatiza o diálogo e a participação ativa dos alunos na construção do conhecimento. A pedagogia de Freire destaca a importância da interação entre educadores e educandos, considerando a educação como um processo colaborativo e transformador.

A abordagem pedagógica de Freire, centrada no diálogo, na escuta ativa e na co-construção do saber, encontra eco na Pedagogia Griô. Ambas compartilham a visão de que a educação deve ser um espaço de troca, onde as vozes dos alunos são valorizadas e suas experiências são consideradas fundamentais para o processo de aprendizado.

Segundo Freire (1996), a educação dialógica propõe uma relação horizontal entre educadores e educandos, promovendo a conscientização e a capacidade crítica. Na Pedagogia Griô, a horizontalidade se manifesta na valorização das tradições culturais, das histórias de vida dos alunos e na construção coletiva do conhecimento.

O diálogo na Pedagogia Griô não é apenas uma ferramenta de transmissão de informações, mas um meio de conexão com as vivências e as narrativas culturais. A oralidade, tão presente na tradição griô, é incorporada como instrumento de diálogo, permitindo a expressão plena dos sujeitos envolvidos no processo educacional.

Ao integrar a Educação Dialógica de Freire, a Pedagogia Griô busca superar a visão bancária da educação, onde o conhecimento é depositado nos alunos, propondo, em vez disso, uma construção conjunta do saber. O diálogo não apenas facilita a transmissão de conhecimento, mas também fortalece os laços comunitários, promovendo a valorização da diversidade cultural.

Dessa forma, a Pedagogia Griô, ao dialogar com a Educação Dialógica de Paulo Freire, reforça seu compromisso com uma prática pedagógica que respeita a pluralidade, incentiva a participação ativa dos alunos e promove a consciência crítica, contribuindo para a formação de sujeitos autônomos e engajados socialmente.

A Pedagogia Griô, ao dialogar com as propostas de Machado (2017) para a Educação para as Relações Étnico-Raciais Positivas, evidencia seu compromisso em promover uma abordagem educacional que valorize e destaque as diferentes identidades étnico-raciais presentes na comunidade. Vanda Machado, reconhecida por seu trabalho na área das relações

étnico-raciais, propõe uma educação que combata o racismo estrutural e promova a valorização das diversidades.

A abordagem da Pedagogia Griô alinha-se com a perspectiva de Vanda Machado ao reconhecer a importância de uma educação que não apenas combata o preconceito racial, mas que também promova uma compreensão positiva e respeitosa das diferentes identidades étnicas. O diálogo constante com as tradições culturais, histórias de vida e mitos presentes na Pedagogia Griô contribui para a construção de uma consciência étnico-racial positiva.

Segundo Machado (2004), a Educação para as Relações Étnico-Raciais Positivas visa à promoção do respeito às diferenças, à valorização das contribuições culturais de cada grupo étnico e ao enfrentamento das desigualdades historicamente construídas. A Pedagogia Griô, ao integrar esses princípios, propõe um ambiente educacional que reconhece a importância da diversidade étnico-racial como um elemento enriquecedor para o processo de aprendizagem.

A Pedagogia Griô, ao proporcionar espaços para a expressão das diversas identidades presentes na comunidade, contribui para a construção de uma narrativa educacional que valoriza a ancestralidade e reconhece a importância de cada história de vida. Essa abordagem não apenas combate estereótipos e preconceitos, mas também busca fortalecer a autoestima e o orgulho das diferentes identidades étnico-raciais.

Ao dialogar com as propostas de Vanda Machado, a Pedagogia Griô reforça seu compromisso em construir uma educação que promova relações étnico-raciais positivas, proporcionando uma compreensão mais ampla e respeitosa da diversidade cultural presente na comunidade.

A Pedagogia Griô, ao incorporar elementos da arte-educação comunitária proposta por Carlos Petrovich, ressalta a importância das expressões artísticas e culturais como elementos fundamentais em sua abordagem pedagógica. A influência de Petrovich na configuração da Pedagogia Griô contribui para a promoção de práticas educativas que valorizam a criatividade, a participação ativa dos alunos e a integração da arte ao contexto comunitário.

Carlos Petrovich, renomado artista e educador, propõe uma visão de arte-educação que vai além dos limites da sala de aula tradicional. Sua abordagem destaca a importância de promover experiências artísticas que estejam enraizadas na comunidade, utilizando a arte como meio de expressão, reflexão e transformação social.

Na Pedagogia Griô, a arte-educação comunitária se torna um componente vital, proporcionando espaços para que os alunos expressem suas identidades, compartilhem suas histórias e fortaleçam os laços culturais. Essa abordagem reconhece a arte como uma ferramenta poderosa para a construção do conhecimento, a promoção do diálogo intercultural e a

valorização das tradições locais.

Petrovich destaca a importância de integrar a arte ao cotidiano das comunidades, possibilitando que as expressões artísticas se conectem às vivências e realidades dos alunos. A Pedagogia Griô segue essa perspectiva ao incorporar práticas artísticas que têm como base as tradições orais, rituais e mitos presentes na cultura local.

Ao promover a arte-educação comunitária, a Pedagogia Griô busca, assim como Petrovich, romper com as barreiras tradicionais da educação e ampliar as possibilidades de aprendizagem. A arte se torna um meio de fortalecimento da identidade cultural, estimulando a sensibilidade, a criatividade e a participação ativa dos alunos no processo educativo.

Dessa forma, a Pedagogia Griô, ao se inspirar na proposta de Carlos Petrovich, destaca a importância da arte-educação comunitária como um elemento central para a construção de uma educação mais inclusiva, participativa e alinhada aos valores culturais presentes na comunidade.

1.4 ANCESTRALIDADE E TRADIÇÃO ORAL NA PEDAGOGIA GRIÔ

A Pedagogia Griô fundamenta-se na valorização da ancestralidade e da tradição oral como elementos essenciais para o processo educativo. Conforme destacado por Pacheco (2015), essa abordagem reconhece a relevância dos saberes transmitidos oralmente ao longo das gerações como fonte de conhecimento e identidade. Nesse sentido, a tradição oral é vista como um tesouro cultural que deve ser preservado e compartilhado.

Através da valorização da ancestralidade e da tradição oral, a Pedagogia Griô utiliza diversas ferramentas pedagógicas para enriquecer o processo de aprendizagem. Segundo Soares (2017), histórias, mitos, cantigas e outros elementos da cultura popular são utilizados de forma criativa e significativa, proporcionando aos alunos uma conexão direta com suas raízes culturais. Essas narrativas não apenas transmitem conhecimentos, mas também despertam a imaginação, estimulam a reflexão e fortalecem a identidade dos estudantes.

Ao explorar a tradição oral, a Pedagogia Griô proporciona um espaço de diálogo intergeracional, conforme ressaltado por Paula (2016). Os mestres Griô, eleitos pelas próprias comunidades, desempenham um papel fundamental na transmissão desses saberes ancestrais. Eles compartilham histórias, experiências e conhecimentos tradicionais, estabelecendo uma conexão profunda entre as gerações e enriquecendo o processo de aprendizagem.

Essa abordagem pedagógica, pautada na ancestralidade e tradição oral, vai além do simples repasse de informações. Ela busca despertar nos alunos o interesse pela cultura, pela

história e pela identidade de seu povo. Conforme afirmado por Costa (2014), a Pedagogia Griô promove uma educação que valoriza não apenas o conhecimento formal, mas também os saberes populares e as vivências dos alunos, contribuindo para uma educação mais inclusiva, respeitando a diversidade cultural presente na sociedade.

1.5 EXPLORAÇÃO DA HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA DA PEDAGOGIA GRIÔ

A história de vida e a memória desempenham um papel central na Pedagogia Griô. Como afirma Pacheco (2015), a Pedagogia Griô visa resgatar e valorizar a história de vida dos indivíduos, tanto a nível pessoal como coletivo, como forma de conhecimento e identidade. Essa abordagem reconhece que a história pessoal e a memória coletiva são fontes ricas de saberes e experiências que contribuem para a formação do indivíduo.

Nesse contexto, a valorização da história de vida é fundamental. Conforme destaca Paula (2016), por meio de entrevistas e registros os alunos são incentivados a explorar sua história familiar e comunitária, compreender suas origens e reconhecer a importância do passado na construção do presente. Essa reflexão e resgate da história pessoal e coletiva permite aos alunos uma conexão mais profunda com sua identidade e uma compreensão mais ampla da sua trajetória.

A memória coletiva também é explorada como recurso pedagógico na Pedagogia Griô. Segundo Freire (2000), a memória coletiva guarda os saberes e fazeres do passado, os quais são transmitidos oralmente ao longo das gerações. Ao resgatar essa memória coletiva, os alunos têm a oportunidade de aprender com as experiências e conhecimentos acumulados ao longo do tempo, fortalecendo sua conexão com a comunidade e valorizando as contribuições do passado.

Portanto, a história de vida e a memória ocupam um lugar central na Pedagogia Griô, proporcionando aos alunos a oportunidade de compreender sua identidade, reconhecer a importância do passado e construir um olhar crítico sobre o presente. Essa abordagem, baseada em experiências vivenciais e resgate de saberes, contribui para uma educação mais significativa e valorizadora da singularidade de cada indivíduo.

1.6 DIÁLOGO INTERGERACIONAL DA PEDAGOGIA GRIÔ

O diálogo intergeracional desempenha um papel central na Pedagogia Griô, promovendo a troca de saberes entre diferentes gerações. Os mestres Griô, reconhecidos pelas comunidades, atuam como mediadores na transmissão de conhecimentos e experiências aos

mais jovens. Essa interação fortalece os laços comunitários e estimula o aprendizado mútuo. A prática pedagógica Griô promove a interação entre as gerações, criando espaços de diálogo e troca de saberes (Pacheco, 2015).

Esse diálogo enriquecedor permite que os mais jovens tenham acesso aos conhecimentos tradicionais e à sabedoria acumulada ao longo do tempo. Por sua vez, os mais velhos têm a oportunidade de compartilhar suas vivências e serem valorizados como detentores de saberes importantes para a comunidade. Através do diálogo intergeracional, a Pedagogia Griô fortalece os laços comunitários e estimula o aprendizado mútuo (Santos, 2018).

Esse encontro entre diferentes gerações contribui para a construção de uma identidade coletiva, na qual cada indivíduo se reconhece como parte de uma comunidade com uma história e uma cultura compartilhadas. Além disso, o diálogo intergeracional estimula o respeito e a valorização das diversas perspectivas e experiências de vida. O diálogo entre as gerações é essencial para o fortalecimento da identidade e a preservação dos saberes tradicionais" (Moreira, 2010).

Ao promover o diálogo intergeracional, a Pedagogia Griô prioriza as relações humanas, o respeito à diversidade e a valorização da cultura local. Essa abordagem educacional contribui para a formação de cidadãos críticos, conscientes de sua história e capazes de atuar de forma significativa na sociedade (Moreira, 2010).

1.7 CULTURA E IDENTIDADE NA PEDAGOGIA GRIÔ

A Pedagogia Griô valoriza profundamente a cultura e identidade de cada indivíduo, reconhecendo a importância de preservar e promover as tradições e expressões culturais presentes nas comunidades. Conforme afirma Pacheco (2015), a proposta pedagógica da Pedagogia Griô visa uma ação pedagógica que facilite processos vivenciais de potencialização da identidade da comunidade e o seu vínculo com a ancestralidade e tradições com seus passados e celebração da vida.

Nesse sentido, a Pedagogia Griô utiliza diversas atividades que envolvem a cultura local para promover o reconhecimento e o respeito às diferentes manifestações culturais. Segundo Paula (2016) esse modelo de ação pedagógica traduz o contexto cultural da comunidade por meio da música, das danças, culinária, medicina e sentimentos. Essas atividades não apenas estimulam a valorização da cultura local, mas também contribuem para fortalecer o senso de identidade dos alunos, fazendo com que se reconheçam como sujeitos históricos e valorizem suas vivências.

A Pedagogia Griô tem como objetivo central a celebração da diversidade cultural e o resgate das tradições. Ela busca promover um ambiente integrado onde os participantes possam se enxergar e criar vínculos uns com os outros, como destaca Costa (2014), transformando o espaço escolar num ambiente integrado, onde, a partir da execução dos projetos, as pessoas se enxergam e criam vínculos umas com as outras, promovendo o encontro de si mesmas com o outro, com suas raízes e sua cultura.

Assim, a Pedagogia Griô atua como uma ferramenta pedagógica que valoriza a cultura local, as tradições e a identidade dos alunos, promovendo um ambiente de aprendizagem enriquecedor e inclusivo. Ela reconhece a importância de cada expressão cultural presente na comunidade e busca fortalecer o senso de pertencimento e respeito entre os participantes.

1.8 ABORDAGEM CRIATIVA E SENSÍVEL DA PEDAGOGIA GRIÔ

A abordagem Criativa e Sensível na Pedagogia Griô destaca-se por promover um ambiente de aprendizado que estimula a criatividade e a sensibilidade dos alunos. Segundo Santos (2019), essa pedagogia valoriza a expressão artística e o envolvimento ativo dos estudantes, permitindo que eles se engajem de forma lúdica e participativa no processo de construção do conhecimento.

Nesse sentido, a Pedagogia Griô oferece oportunidades para que os alunos desenvolvam suas habilidades criativas e expressem suas emoções de maneira artística. Conforme apontado por Freire (2000), a arte é uma forma poderosa de expressão e autoconhecimento, permitindo que os estudantes se conectem com suas emoções e desenvolvam sua percepção sensível do mundo ao seu redor.

Além disso, a abordagem Criativa e Sensível da Pedagogia Griô busca fomentar o protagonismo dos alunos, incentivando-os a assumir um papel ativo em seu próprio processo de aprendizagem. Conforme ressaltado por Gadotti (2012), essa pedagogia busca promover a autonomia e a capacidade crítica dos estudantes, permitindo que eles se tornem sujeitos de sua própria formação.

1.9 DESENVOLVIMENTO DA PEDAGOGIA GRIÔ NO BRASIL E NO AMAZONAS

A Pedagogia Griô tem sido desenvolvida e aplicada em diferentes contextos no Brasil, promovendo experiências educacionais enriquecedoras e valorizando a cultura e a identidade das comunidades. Através de práticas pedagógicas inovadoras, essa abordagem tem contribuído

para a formação integral dos estudantes, estimulando o diálogo intercultural e o protagonismo dos alunos.

Um exemplo notável do desenvolvimento da Pedagogia Griô no Brasil é o Projeto Griô da ONG Grãos de Luz e Griô, localizada na cidade de Lençóis, Bahia. Segundo Barzano (2009), esse projeto tem como objetivo principal o resgate da memória e da identidade cultural das comunidades, promovendo atividades que valorizam a tradição oral, as expressões artísticas e as manifestações culturais locais. Através do contato com mestres Griô e da realização de oficinas, os alunos têm a oportunidade de vivenciar a riqueza da cultura afro-brasileira e aprender por meio da oralidade e das práticas ancestrais.

Através do Projeto Griô, os alunos têm a oportunidade de vivenciar a riqueza da cultura afro-brasileira e de aprender por meio da transmissão oral dos saberes ancestrais. As atividades incluem o compartilhamento de histórias, mitos, cantigas e outras expressões da tradição oral, permitindo que os estudantes se reconectem com suas raízes culturais e desenvolvam um senso de pertencimento e identidade (Barzano, 2009).

A atuação da ONG Grãos de Luz e Griô tem sido amplamente reconhecida e elogiada, tanto pela comunidade local como por pesquisadores e educadores. Por meio da Pedagogia Griô, a organização tem promovido a valorização da cultura local e o fortalecimento dos laços comunitários, estimulando a participação ativa dos alunos no processo de aprendizagem e incentivando a expressão criativa e sensível (Souza, 2015).

Outro exemplo importante é o trabalho desenvolvido pelo Centro de Culturas Populares e Identidades Brasileiras (CCPIB), vinculado à Secretaria de Cultura do Estado da Bahia. O CCPIB tem realizado ações voltadas para a promoção e valorização da cultura popular e tradicional, incluindo a implementação da Pedagogia Griô. De acordo com Ribeiro (2017), essa abordagem tem sido utilizada em escolas públicas e instituições de ensino superior, envolvendo a formação de professores e a realização de atividades educativas que visam fortalecer a identidade cultural e a valorização dos saberes tradicionais.

Uma das iniciativas significativas do CCPIB é o apoio e fomento à Pedagogia Griô em diversas regiões da Bahia. Por meio de parcerias com escolas e comunidades, o centro busca promover a transmissão oral dos saberes ancestrais, valorizando a tradição oral e as práticas culturais tradicionais. De acordo com o CCPIB (2020), a Pedagogia Griô tem sido fundamental para o fortalecimento das identidades culturais locais e para o desenvolvimento de práticas educativas mais inclusivas e contextualizadas.

O CCPIB tem realizado diversas ações e projetos voltados para a disseminação da Pedagogia Griô, como oficinas, formações e encontros entre mestres Griô e educadores. Essas

atividades buscam promover a troca de saberes e experiências entre as diferentes gerações, valorizando a cultura popular e resgatando a importância da transmissão oral na construção do conhecimento (CCPIB, 2020).

O trabalho desenvolvido pelo Centro de Culturas Populares e Identidades Brasileiras é fundamental para o fortalecimento e valorização das culturas populares na Bahia. Por meio da Pedagogia Griô, o CCPIB tem contribuído para o resgate e preservação dos saberes tradicionais, promovendo a identidade cultural e o protagonismo das comunidades envolvidas (CCPIB, 2020).

Além disso, é válido destacar a atuação do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Culturas e Identidades (GEPECI) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Por meio de pesquisas, projetos e formação de professores, o GEPECI tem contribuído para a disseminação da Pedagogia Griô e para a valorização das culturas e identidades locais. Segundo Souza (2018), essa iniciativa tem se dedicado a promover o diálogo entre saberes tradicionais e conhecimentos escolares, respeitando e fortalecendo a diversidade cultural presente no Brasil.

O Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Culturas e Identidades (GEPECI) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) tem desempenhado um importante papel no campo da educação, especialmente no que diz respeito à valorização das culturas e identidades presentes na sociedade. Segundo o GEPECI (2021), o grupo busca promover reflexões e estudos sobre a diversidade cultural, visando contribuir para a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas e contextualizadas.

No contexto da Pedagogia Griô, o GEPECI tem desenvolvido pesquisas e ações que buscam compreender e valorizar a transmissão oral dos saberes tradicionais. De acordo com o GEPECI (2021), o grupo tem promovido encontros e formações com mestres Griô e educadores, buscando estimular o diálogo intergeracional e a troca de conhecimentos entre as diferentes gerações.

O trabalho do GEPECI também envolve a realização de estudos sobre a inserção da Pedagogia Griô no contexto educacional, buscando identificar desafios e potencialidades dessa abordagem pedagógica. Segundo o GEPECI (2021), é necessário repensar as práticas educativas de forma a valorizar as culturas populares e as identidades dos estudantes, garantindo uma educação que seja inclusiva e que promova o reconhecimento das diversas formas de conhecimento.

O Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Culturas e Identidades da Universidade Estadual de Feira de Santana tem contribuído de forma significativa para a disseminação e valorização da Pedagogia Griô. Suas pesquisas e ações têm promovido reflexões e práticas

pedagógicas mais sensíveis à diversidade cultural, estimulando o respeito e a valorização das identidades presentes na sociedade (GEPECI, 2021).

No contexto do Amazonas, diversos exemplos de desenvolvimento da Pedagogia Griô têm surgido, destacando-se iniciativas que valorizam a cultura local e promovem a transmissão oral dos saberes tradicionais. Um exemplo relevante é o trabalho realizado pelo Instituto Amazonense de Tradição, Cultura e Arte (IATCA), que tem como objetivo principal promover a valorização da cultura amazônica e a preservação dos saberes ancestrais.

O IATCA desenvolve atividades que envolvem a contação de histórias, músicas, danças e outros elementos da tradição oral, buscando fortalecer a identidade dos participantes e estimular o resgate e a valorização dos conhecimentos tradicionais. Segundo o IATCA (2021), a Pedagogia Griô tem sido uma abordagem pedagógica fundamental em suas ações, proporcionando um diálogo intergeracional e promovendo o reconhecimento das culturas locais.

O Instituto Amazonense de Tradição, Cultura e Arte (IATCA) é uma instituição que desempenha um papel fundamental na valorização da cultura amazônica e na preservação dos saberes ancestrais. Segundo o IATCA (2021), sua atuação visa promover a valorização das tradições e manifestações culturais do Amazonas, buscando preservar a identidade cultural da região.

Uma das abordagens utilizadas pelo IATCA é a Pedagogia Griô, que valoriza a transmissão oral dos saberes tradicionais. De acordo com o IATCA (2021), a Pedagogia Griô é uma ferramenta pedagógica que promove o diálogo intergeracional, fortalece os laços comunitários e estimula o aprendizado mútuo entre as gerações.

No trabalho desenvolvido pelo IATCA, destacam-se atividades como a contação de histórias, músicas, danças e outras expressões culturais. Essas práticas têm como objetivo resgatar e valorizar a cultura amazônica, possibilitando o compartilhamento dos saberes ancestrais e fortalecendo a identidade das comunidades (IATCA, 2021).

A atuação do IATCA é de suma importância para a preservação e valorização da cultura amazônica. Através da Pedagogia Griô, essa instituição promove o reconhecimento da ancestralidade, o resgate dos saberes tradicionais e a valorização das expressões culturais presentes na região.

Outro exemplo importante é o projeto "Griôs da Amazônia", desenvolvido pelo Instituto Federal do Amazonas (IFAM). Este projeto tem como objetivo principal resgatar e valorizar os saberes e fazeres tradicionais das comunidades amazônicas, por meio da atuação de mestres Griô. Segundo o IFAM (2021), o projeto visa promover a troca de conhecimentos entre as

gerações e estimular o protagonismo dos estudantes na construção de seu próprio conhecimento.

O projeto "Griôs da Amazônia", desenvolvido pelo Instituto Federal do Amazonas (IFAM), tem como objetivo principal valorizar a cultura amazônica e promover a educação intercultural por meio da Pedagogia Griô. Segundo o IFAM (2021), o projeto busca resgatar os saberes tradicionais da região, fortalecer a identidade cultural e promover o diálogo intergeracional.

A abordagem pedagógica utilizada no projeto é fundamentada na transmissão oral dos saberes ancestrais, por meio de contação de histórias, músicas, danças e outras expressões culturais. Conforme destaca o IFAM (2021), a Pedagogia Griô é uma ferramenta eficaz para o fortalecimento dos laços comunitários, a valorização da ancestralidade e o desenvolvimento de uma educação mais inclusiva e intercultural.

No âmbito do projeto "Griôs da Amazônia", são realizadas diversas atividades, como oficinas, rodas de conversa, apresentações culturais e intercâmbios com outras comunidades. Essas ações visam promover a troca de saberes entre as diferentes gerações, incentivando a participação ativa dos jovens e o reconhecimento da importância da cultura local (IFAM, 2021).

O trabalho desenvolvido pelo IFAM por meio do projeto "Griôs da Amazônia" contribui significativamente para a preservação e valorização da cultura amazônica. Ao promover a Pedagogia Griô, o instituto reforça a importância da transmissão oral dos saberes ancestrais e o respeito à diversidade cultural presente na região.

Além disso, o trabalho realizado pelo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) também tem contribuído para o desenvolvimento da Pedagogia Griô na região. O NEABI promove ações de formação de professores, cursos, palestras e pesquisas que visam valorizar a cultura afro-brasileira e indígena, utilizando a transmissão oral dos saberes como uma estratégia pedagógica eficaz (NEABI, 2021).

O Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) desempenha um papel fundamental na promoção da valorização das culturas afro-brasileira e indígena, bem como na disseminação do conhecimento e na luta contra o racismo e a discriminação étnico-racial. Segundo a UFAM (s.d.), o NEABI tem como objetivo central fomentar a produção de conhecimento, a reflexão crítica e a difusão das culturas afro-brasileira e indígena no âmbito acadêmico e na sociedade em geral.

No contexto da Pedagogia Griô, o NEABI desenvolve iniciativas e projetos que promovem a educação intercultural e o diálogo entre diferentes saberes. Conforme destaca a

UFAM (s.d.), o Núcleo busca articular a formação acadêmica com a vivência das comunidades tradicionais, reconhecendo a importância da transmissão oral dos saberes e valorizando as tradições e identidades culturais.

Por meio de atividades como cursos, palestras, seminários e oficinas, o NEABI proporciona espaços de aprendizagem que buscam fortalecer o respeito à diversidade étnico-cultural e o combate ao preconceito. De acordo com a UFAM (s.d.), essas ações contribuem para o desenvolvimento de uma educação mais inclusiva, que reconhece e valoriza as contribuições dos povos afro-brasileiros e indígenas para a construção da sociedade brasileira.

O trabalho realizado pelo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) é essencial para a promoção da Pedagogia Griô e para o fortalecimento da valorização das culturas afro-brasileira e indígena. Ao promover a educação intercultural e o diálogo entre diferentes saberes, o NEABI contribui para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e respeitosa com as diversidades étnico-raciais.

CAPÍTULO 2 – METODOLOGIAS E ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS NA PEDAGOGIA GRIÔ

Quando dizem que você é um griô, significa que você se comprometeu a guardar as histórias, a guardar uma genealogia, e viver como um registro vivo, com instrumentos, elementos e rituais de iniciação. É como um historiador que trabalha com o canto e a memória (Luciana Meireles¹)

O presente capítulo busca aprofundar-se nas metodologias e estratégias pedagógicas aplicadas na Pedagogia Griô, destacando elementos fundamentais que permeiam a transmissão do conhecimento ancestral. Por meio de uma abordagem centrada na cultura oral, este capítulo explora a riqueza das *Narrativas Oraís como ferramenta pedagógica Griô*. Ao resgatar e valorizar as histórias contadas de geração em geração, busca-se compreender como essas narrativas não apenas preservam a sabedoria acumulada, mas também se tornam instrumentos eficazes na construção do aprendizado.

A Intergeracionalidade no Ensino Griô: Trocas e Conexões emerge como um segundo ponto de destaque, reconhecendo a importância das relações entre diferentes gerações na transmissão do conhecimento. A troca de experiências e o estabelecimento de conexões entre jovens e mais velhos são explorados como componentes essenciais para a construção de uma educação sólida e enraizada nas tradições Griô.

No terceiro subcapítulo, *Expressões Criativas na Transmissão do Conhecimento Griô*, examinamos a relevância das formas criativas de expressão no processo pedagógico. O uso de métodos que estimulam a imaginação e a expressividade, como a arte, torna-se uma ferramenta significativa para envolver os aprendizes de maneira mais profunda e instigante, promovendo uma compreensão mais holística e integrada do conhecimento Griô.

Por fim, adentramos o universo da *Música, Dança e Arte como Elementos Pedagógicos Griô*. Este subcapítulo explora como a música, a dança e a arte não são apenas formas de expressão cultural, mas também se transformam em veículos pedagógicos que transcendem as barreiras do verbal. Ao integrar essas manifestações artísticas no processo educativo, a Pedagogia Griô promove uma experiência educacional enriquecedora e envolvente.

Dessa forma, ao explorar esses quatro subcapítulos, pretendemos lançar luz sobre as práticas e abordagens pedagógicas que caracterizam a Pedagogia Griô, proporcionando uma

¹ Estudiosa acadêmica de vertente desta tradição oral, e membro da Casa Moringa, que realiza atividades e cursos sobre a pedagogia griô. Fonte: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2018/12/12/interna_diversao_arte,724615/conheca-o-movimento-grio.shtml

compreensão mais aprofundada de como essa abordagem única e culturalmente enraizada contribui para a preservação e transmissão do conhecimento ancestral.

2.1. NARRATIVAS ORAIS COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA GRIÔ

A tradição oral é um veículo fundamental para a transmissão de conhecimentos, valores e identidade cultural ao longo das gerações. No contexto educacional, as narrativas orais, especialmente quando conduzidas pelo griô, desempenham um papel singular, amalgamando a riqueza da oralidade com a missão educativa. Como afirma Hall (2018, p. 45), “a narrativa oral é uma forma poderosa de preservar e transmitir conhecimento, conectando as pessoas às suas raízes culturais”. Nesse sentido, este texto discutirá a relevância das narrativas orais, mediadas pelo griô, como uma ferramenta pedagógica capaz de proporcionar uma educação mais enraizada, participativa e transformadora.

Em primeiro plano, é imprescindível compreender a figura do griô como um guardião do conhecimento ancestral, uma personificação da tradição oral. Como destacam Santana e Lucini (2019, p. 67), “o griô é um mestre contador de histórias, um elo vivo entre o passado e o presente, encarregado de preservar a memória coletiva”. Sua função transcende a mera transmissão de informações; ele é o artífice que molda as narrativas, conferindo-lhes uma carga cultural e emocional que ultrapassa os limites da sala de aula convencional. Por isso,

A missão é semear educação e tradição oral fortalecedora da identidade das crianças, adolescentes e jovens brasileiros para a celebração da vida. Reinventar a integração entre o velho e o novo num presente pleno de ancestralidade e identidade na educação para a celebração da vida (Pacheco, 2016, p. 56).

Ao se debruçar sobre a função pedagógica das narrativas orais, é imperativo reconhecer que o ensino baseado nessas práticas vai além da mera transferência de dados. O griô atua como um facilitador do processo educacional, estimulando o pensamento crítico e a reflexão. Nas palavras de Alves, Silva e Ferreira (2022, p. 112), “a narrativa oral proporciona uma aprendizagem holística, integrando aspectos cognitivos, afetivos e sociais no processo educativo”. Ao trazer as narrativas para o ambiente escolar, não apenas o conteúdo é compartilhado, mas também valores, tradições e perspectivas de mundo que permeiam as histórias.

Contudo, é necessário salientar que o uso das narrativas orais como ferramenta pedagógica griô não é uma panaceia para os desafios educacionais contemporâneos. A integração efetiva dessa abordagem demanda uma reconfiguração na estrutura educacional,

uma vez que ela diverge substancialmente do paradigma tradicional centrado na transmissão unidirecional do conhecimento. Nesse sentido, Freire (2000, p. 89) alerta para a necessidade de “repensar as práticas pedagógicas, promovendo uma educação mais dialógica, participativa e contextualizada”.

Um dos aspectos mais marcantes das narrativas orais é sua capacidade de fomentar a interação entre diferentes gerações. O griô, ao desempenhar seu papel de contador de histórias, cria uma ponte entre o conhecimento acumulado ao longo do tempo e as mentes ávidas por aprendizado. Nas palavras de Gomes (2019, p. 134), “a narrativa oral torna-se uma arena de diálogo intergeracional, permitindo que as experiências e saberes dos mais velhos se entrelacem com as perspectivas e questionamentos dos mais jovens”. Essa interconexão contribui não apenas para a transmissão de conhecimento, mas também para a construção de uma identidade cultural dinâmica e em constante evolução.

Além disso, é relevante ressaltar que as narrativas orais, ao serem incorporadas à prática educacional, proporcionam um ambiente propício para o desenvolvimento das habilidades linguísticas e comunicativas dos alunos. A oralidade, muitas vezes negligenciada em ambientes escolares dominados pela escrita, é potencializada pelo griô, que utiliza recursos expressivos, entonação e gestos para dar vida às histórias. Conforme evidenciam Pacheco e Santini (2010, p. 76), “a narrativa oral aprimora a capacidade de expressão verbal, promovendo uma comunicação mais eficaz e uma apreciação mais profunda da linguagem”.

Entretanto, é essencial abordar as complexidades inerentes à transposição das narrativas orais para o contexto pedagógico formal. A adaptação dessas práticas tradicionais para uma estrutura educacional muitas vezes rígida e normativa pode gerar desafios. O reconhecimento e respeito pela diversidade de métodos e saberes são cruciais. Nas palavras de Santos (2021, p. 45), “a implementação bem-sucedida das narrativas orais requer uma abordagem flexível e sensível, levando em consideração as peculiaridades de cada contexto educacional e as necessidades específicas dos alunos”.

Outro ponto digno de análise é o potencial das narrativas orais como ferramenta para a promoção da inclusão e equidade no ambiente educacional. O griô, ao utilizar histórias que refletem diferentes perspectivas e experiências, contribui para a construção de um ambiente mais plural e acolhedor. Como destaca Paula (2015, p. 98), “as narrativas orais são veículos poderosos para dismantelar estereótipos e preconceitos, permitindo que os alunos reconheçam e valorizem a diversidade cultural presente na sociedade”.

Contudo, é preciso reconhecer que a eficácia das narrativas orais como ferramenta pedagógica não é universal e pode variar conforme o contexto cultural, social e econômico. Em

comunidades onde a tradição oral ainda é vibrante, a integração dessas práticas pode ocorrer de maneira mais fluida. No entanto, em contextos urbanos e globalizados, onde as formas de transmissão de conhecimento estão em constante transformação, a inserção das narrativas orais pode exigir estratégias pedagógicas mais inovadoras e adaptáveis. A vivência:

[...] de rituais afetivos e culturais que facilitam o diálogo entre as idades, a escola e a comunidade, grupos étnico-raciais, tradição e contemporaneidade, interagindo e mediando saberes ancestrais de tradição oral e as ciências formais por meio do reconhecimento do lugar social, político e econômico dos mestres griôs na educação, para a elaboração do conhecimento e de um projeto de vida que tem como foco a expressão da identidade, o vínculo com a ancestralidade e a celebração da vida (Pacheco, 2006, p. 66).

Diante disso, as narrativas orais, mediadas pelo griô, apresentam-se como uma ferramenta pedagógica rica e multifacetada, capaz de conectar passado, presente e futuro de forma enriquecedora. Contudo, sua implementação efetiva demanda uma abordagem holística, que reconheça e respeite a diversidade cultural, promova o diálogo intergeracional e esteja alinhada com as demandas da educação contemporânea. A busca por uma educação mais significativa, participativa e inclusiva passa, inevitavelmente, pela valorização das narrativas orais como um patrimônio cultural a ser preservado e incorporado ao tecido educacional.

A inserção das narrativas orais como ferramenta pedagógica griô não só resgata tradições culturais, mas também propicia um engajamento mais profundo dos alunos no processo de aprendizagem. Conforme ressaltam Alves, Silva e Ferreira (2022, p. 132), “a vivacidade das histórias contadas pelo griô cria um ambiente educativo dinâmico, despertando a curiosidade e o interesse dos estudantes”. A conexão emocional estabelecida por meio das narrativas contribui para a construção de um vínculo afetivo entre o griô, o conteúdo e os alunos, fomentando a motivação intrínseca para a aprendizagem.

No entanto, é importante reconhecer que a introdução das narrativas orais na pedagogia enfrenta resistência em alguns círculos acadêmicos. A predominância da cultura escrita na educação formal muitas vezes relega a oralidade a um papel secundário. Como destaca Pacheco (2016, p. 56), “a tradição oral é, por vezes, subestimada em um sistema educacional que valoriza predominantemente a cultura escrita, limitando o reconhecimento de outras formas igualmente válidas de transmissão de conhecimento”. A superação dessa dicotomia requer uma abordagem que integre saberes orais e escritos, reconhecendo a complementaridade dessas modalidades no processo educacional.

Outro aspecto crucial é a potencial contribuição das narrativas orais para a formação de uma consciência crítica e cidadã. O griô, ao compartilhar histórias que abordam questões

sociais, éticas e morais, instiga os alunos a refletirem sobre o mundo que os cerca. Nas palavras de Santos et al. (2021, p. 78), “as narrativas orais não apenas transmitem conhecimento cultural, mas também estimulam a análise crítica, proporcionando uma base sólida para a formação de cidadãos ativos e conscientes”. Dessa forma, a abordagem pedagógica griô transcende o mero repasse de informações, alinhando-se com a missão de formar indivíduos capazes de contribuir positivamente para a sociedade.

Contudo, é necessário abordar os desafios enfrentados pelos griôs contemporâneos na preservação e transmissão de suas práticas. O avanço da globalização e a homogeneização cultural representam ameaças significativas para as tradições orais. Conforme aponta Gomes (2019, p. 110), “a preservação das narrativas orais demanda esforços conscientes para resistir às pressões da uniformização cultural, garantindo a continuidade dessas práticas autênticas e significativas”. A necessidade de conciliar tradição e adaptação é premente para que o papel do griô na educação possa perdurar e evoluir em sintonia com os desafios contemporâneos.

Um ponto a ser destacado é a interdisciplinaridade inerente à abordagem pedagógica griô. Ao trazer narrativas orais para a sala de aula, não se trata apenas de introduzir histórias isoladas, mas de promover uma imersão em contextos culturais diversos. Conforme sublinha Santos (2021, p. 93), “a narrativa oral é um campo fértil para a integração de disciplinas, permitindo abordagens transversais que enriquecem a compreensão dos alunos sobre diferentes temas”. A transdisciplinaridade proporcionada pelo griô não apenas amplia o horizonte cognitivo dos estudantes, mas também fortalece a conexão entre os diversos campos do conhecimento.

No entanto, é essencial abordar a necessidade de formação adequada para os educadores que buscam incorporar as narrativas orais em suas práticas. O papel do griô vai além da mera contação de histórias; ele exerce uma função mediadora entre o conhecimento cultural e o contexto educacional. Conforme aponta Santos (2021, p. 122), “a capacitação dos educadores para compreenderem e contextualizarem as narrativas orais é crucial para garantir uma integração efetiva dessas práticas na sala de aula”. Investir em programas de formação que abordem tanto os aspectos culturais quanto as estratégias pedagógicas é essencial para assegurar a qualidade e autenticidade dessa abordagem.

As narrativas orais, quando empregadas como ferramenta pedagógica sob a orientação do griô, também desempenham um papel crucial na promoção da diversidade linguística. Em um mundo cada vez mais globalizado, a preservação e valorização das línguas regionais e dialetos é essencial para a manutenção da riqueza cultural. Nas palavras de Barzano (2018, p. 88), “o griô, ao utilizar as narrativas orais em suas múltiplas formas linguísticas, contribui não

apenas para a preservação, mas também para a revitalização de línguas minoritárias, fortalecendo a identidade linguística e cultural das comunidades”.

Além disso, a abordagem pedagógica griô traz consigo uma dimensão ética, ao reconhecer e respeitar os saberes locais. O conhecimento transmitido pelo griô não é apenas uma coleção de fatos históricos; é uma teia intrincada de valores, tradições e ética comunitária. Como observam Alves, Silva e Ferreira (2022, p. 145), “ao incorporar as narrativas orais, a educação griô resgata a ética da escuta, do respeito às diferenças e do reconhecimento das múltiplas formas de conhecimento presentes na sociedade”.

Outro ponto a ser destacado é o potencial das narrativas orais como catalisadoras da imaginação e criatividade. O griô, ao apresentar histórias permeadas por simbolismos e metáforas, estimula a capacidade criativa dos alunos. Conforme ressaltam Pereira, Mota e Silva (2020, p. 112), “a narrativa oral é um convite à imaginação, permitindo que os estudantes transcendam as barreiras da realidade cotidiana e explorem novas perspectivas e possibilidades”. Esse aspecto não apenas enriquece a experiência educacional, mas também prepara os alunos para enfrentar desafios complexos em um mundo em constante transformação.

Vale destacar, ainda, o impacto das narrativas orais na construção da autoestima e identidade cultural dos alunos. Ao terem suas tradições e valores representados nas histórias contadas pelo griô, os estudantes desenvolvem um senso de pertencimento e orgulho de suas raízes. Nas palavras de Pacheco e Santini (2010, p. 78), “a narrativa oral atua como um espelho cultural, refletindo a diversidade e complexidade das identidades individuais e coletivas”. Esse fortalecimento da identidade é crucial para o desenvolvimento de cidadãos seguros de si e conscientes de sua contribuição para a sociedade.

Outra contribuição significativa das narrativas orais é a ênfase na aprendizagem colaborativa. O formato das histórias contadas pelo griô muitas vezes envolve a participação ativa dos ouvintes, seja por meio de diálogos interativos, debates ou representações teatrais. Como aponta Paula (2015, p. 102), “a narrativa oral como ferramenta pedagógica promove uma dinâmica de aprendizado participativa, na qual os alunos são incentivados a compartilhar suas interpretações, experiências e perspectivas”. Essa abordagem colaborativa não apenas fortalece os laços sociais na sala de aula, mas também prepara os alunos para interações construtivas em suas vidas cotidianas.

Contudo, é imperativo abordar as possíveis resistências à incorporação das narrativas orais no contexto educacional contemporâneo. A ênfase na avaliação quantitativa, a padronização curricular e a pressão por resultados muitas vezes relegam abordagens mais

holísticas, como a do griô, a um segundo plano. Conforme alertam Alves, Silva e Ferreira (2022, p. 134), “a educação centrada em testes padronizados pode negligenciar a riqueza e complexidade das narrativas orais, comprometendo a formação integral dos alunos”. A superação desses obstáculos requer uma mudança de paradigma que valorize a diversidade de abordagens pedagógicas e reconheça a importância de múltiplas formas de avaliação.

Ademais, é necessário considerar o papel das tecnologias digitais na transmissão das narrativas orais. Em um mundo cada vez mais digitalizado, o desafio está em integrar as tradições orais de forma harmoniosa com as ferramentas tecnológicas. Como aponta Santos (2021, p. 88), “a incorporação de recursos digitais pode enriquecer a experiência das narrativas orais, possibilitando a sua disseminação em escala global e a preservação em formatos acessíveis às gerações futuras”. No entanto, é crucial evitar uma instrumentalização excessiva, mantendo o caráter humano e relacional que caracteriza a transmissão oral.

Portanto, as narrativas orais, quando empregadas como ferramenta pedagógica sob a tutela do griô, oferecem uma abordagem educacional rica e abrangente. Elas transcendem a mera transmissão de informações, incorporando dimensões éticas, criativas e identitárias. A valorização da diversidade linguística, a promoção da aprendizagem colaborativa e a capacidade de estimular a imaginação são elementos-chave que contribuem para a formação integral dos alunos. Contudo, desafios como a resistência institucional e a adaptação às demandas tecnológicas precisam ser enfrentados para garantir a preservação e evolução dessa prática pedagógica única.

2.2. A INTERGERACIONALIDADE NO ENSINO GRIÔ: TROCAS E CONEXÕES

A intergeracionalidade no ensino griô representa um intrincado e fecundo campo de investigação, cujas raízes permeiam a tradição oral e a transmissão de saberes entre diferentes gerações. Nesse contexto, percebemos que a educação transcende os limites temporais, estabelecendo pontes entre passado e presente. Conforme apontado por Freire (2000, p. 112), “a educação é um ato político, que não se limita à transmissão de conhecimentos, mas implica na formação de sujeitos críticos e conscientes de sua realidade”. No entanto, como essa dinâmica se desenha no específico contexto do ensino griô, marcado por uma rica tradição cultural e oralidade?

A referida intergeracionalidade se revela como uma trama complexa de trocas e conexões, onde o mestre, na figura do griô, desempenha um papel central na transmissão de conhecimentos. Ao adentrarmos nesse universo, confrontamo-nos com a afirmação de Alves,

Silva e Ferreira (2022, p. 45) de que “o griô é, simultaneamente, contador de histórias, guardião da memória e transmissor de saberes”. Assim, a tradição oral se torna um instrumento valioso, rompendo com paradigmas educacionais mais convencionais. O processo de ensino, neste contexto, não se limita à mera transmissão de informações, mas é impregnado pela carga cultural e identitária que o griô carrega consigo.

Entretanto, é crucial considerar que a intergeracionalidade no ensino griô não se restringe a uma via única de transmissão de conhecimento. Ela se desdobra em uma relação dialógica, onde as gerações mais jovens também desempenham um papel ativo. Nas palavras de Barzano (2018, p. 78), “a aprendizagem no contexto griô é uma construção compartilhada, em que os mais jovens não são meros receptores passivos, mas participantes ativos na preservação e renovação da tradição”. Aqui, a interação entre gerações não é apenas um ato de transferência de informações, mas um diálogo entre passado e presente, enriquecendo ambas as partes envolvidas.

Contudo, ao explorarmos a intergeracionalidade no ensino griô, deparamo-nos com desafios intrínsecos a essa abordagem. A sociedade contemporânea, permeada por rápidas transformações tecnológicas e sociais, impõe um contraste marcante à tradição oral. Como ressalta Gomes (2019, p. 94), “a preservação da oralidade no ensino griô encontra obstáculos frente à hegemonia da escrita e da tecnologia digital”. Dessa forma, a intergeracionalidade se depara com o desafio de conciliar a ancestralidade com a contemporaneidade, buscando estratégias para manter a relevância e vitalidade desse modelo educacional.

É imperativo compreendermos que essa abordagem não se restringe ao âmbito educacional. Ela transcende fronteiras, estendendo-se à preservação da identidade cultural e à construção de uma consciência coletiva. Nas palavras de Santos (2021, p. 120), “o ensino griô não apenas transmite conhecimentos, mas também fortalece os laços comunitários e reafirma a identidade cultural das comunidades”. Nesse sentido, o griô atua como agente não apenas de educação, mas de coesão social e resistência cultural, promovendo uma conexão profunda entre as gerações.

Contudo, é fundamental reconhecer que a intergeracionalidade no ensino griô não é imune a críticas. Alguns argumentam que esse modelo pode perpetuar desigualdades e limitar o acesso ao conhecimento a determinados grupos sociais. Conforme destaca Paula (2015, p. 56), “a tradição oral pode ser, inadvertidamente, excludente, favorecendo apenas aqueles que têm acesso direto aos griôs e suas comunidades”. Assim, torna-se necessário debater estratégias para garantir que a riqueza cultural transmitida pelo ensino griô seja acessível a todos, sem distinção de origem ou classe social.

Ao contemplarmos essa intergeracionalidade, é possível vislumbrar seu potencial transformador não apenas no contexto local, mas também em uma perspectiva global. A diversidade cultural, evidenciada por meio das narrativas dos griôs, contribui para a construção de uma compreensão mais ampla e plural do conhecimento. Nas palavras de Alves, Silva e Ferreira (2022, p. 88), “o ensino griô não é apenas uma expressão cultural local, mas um patrimônio da humanidade, enriquecendo a diversidade de perspectivas sobre o mundo”. Dessa forma, a intergeracionalidade no ensino griô transcende as fronteiras geográficas, promovendo um diálogo intercultural e um enriquecimento mútuo entre diferentes comunidades.

Isso revela-se como um fenômeno complexo, enraizado na tradição oral e marcado por trocas e conexões entre diferentes gerações. O papel do griô transcende a mera transmissão de conhecimentos, configurando-se como um guardião da memória e um construtor de identidade. Contudo, os desafios contemporâneos, como a hegemonia da escrita e da tecnologia, impõem obstáculos à preservação dessa tradição. Cabe à sociedade e aos pesquisadores encontrar maneiras de conciliar a ancestralidade com a contemporaneidade, garantindo que o ensino griô permaneça relevante e acessível a todos.

A intergeracionalidade no ensino griô, ao se aprofundar na transmissão oral de conhecimento, revela-se como um meio poderoso de preservar não apenas fatos históricos, mas também valores, tradições e a própria essência de uma comunidade. Conforme argumentam Alves, Silva e Ferreira (2022, p. 56), “o ensino griô se configura como uma resistência à homogeneização cultural imposta pela globalização, permitindo que as comunidades expressem e perpetuem suas identidades singulares”. Essa resistência, no entanto, requer um diálogo constante entre o griô e as gerações mais jovens, pois é por meio dessa troca que a tradição se renova e se adapta às dinâmicas sociais em constante evolução.

A pluralidade étnica e social do país impõe desafios singulares à transmissão de saberes por meio da oralidade. Como destaca Paula (2015, p. 72), “a riqueza cultural do Brasil não se limita a uma única narrativa, e o ensino griô, muitas vezes, enfrenta dificuldades para abarcar a diversidade existente, correndo o risco de ser seletivo em sua representação cultural”. Assim, é imprescindível considerar estratégias que assegurem a inclusividade e representatividade nas práticas educacionais, de modo a evitar marginalizações e preservar a autenticidade da diversidade cultural brasileira.

Outro aspecto relevante na discussão sobre a intergeracionalidade no ensino griô é o papel das instituições educacionais formais. Estas, muitas vezes, ignoram ou subestimam a importância da transmissão oral, priorizando métodos mais convencionais. Freire (2017, p. 145) ressalta que “a educação formal muitas vezes negligencia as fontes de conhecimento presentes

nas comunidades, o que cria um descompasso entre o ensino griô e o sistema educacional tradicional”. Essa lacuna entre as abordagens pode resultar em um distanciamento dos jovens em relação à tradição oral, restringindo seu acesso aos conhecimentos transmitidos pelos griôs.

No entanto, é preciso reconhecer que isso não é uma panaceia para todos os desafios educacionais. Ela exige uma constante reflexão sobre a eficácia de suas práticas e a necessidade de adaptação diante das mudanças sociais. Nesse sentido, como aponta Barzano (2018, p. 102), “é fundamental que o ensino griô se reinvente sem perder suas raízes, incorporando elementos contemporâneos que dialoguem com as realidades atuais”. A capacidade de adaptação é crucial para garantir que essa abordagem permaneça relevante e eficaz na formação das gerações futuras.

Outro aspecto a considerar é a relação entre a intergeracionalidade no ensino griô e a preservação do meio ambiente. Muitos griôs detêm conhecimentos ancestrais sobre práticas sustentáveis e a interconexão entre as comunidades e a natureza. Conforme Gomes (2019, p. 112) observa, “os ensinamentos griôs não se limitam apenas à cultura, mas incorporam a sabedoria ecológica, promovendo um equilíbrio sustentável entre os seres humanos e o meio ambiente”. Nesse contexto, a intergeracionalidade não apenas transmite saberes culturais, mas também desempenha um papel crucial na preservação do conhecimento ambiental, essencial para enfrentar os desafios da crise climática.

Contudo, a preservação da tradição oral no ensino griô deve ser cuidadosamente equilibrada com a necessidade de adaptação às realidades contemporâneas. A resistência à mudança pode resultar em um isolamento da tradição, tornando-a inacessível e pouco relevante para as gerações mais jovens. Nesse sentido, como destaca Santos (2021, p. 135), “a intergeracionalidade no ensino griô deve encontrar um equilíbrio entre a preservação da tradição e a abertura para inovações que possam enriquecer e revitalizar o processo educativo”. A busca por esse equilíbrio é essencial para assegurar a continuidade e a vitalidade do ensino griô no panorama educacional contemporâneo.

Ao considerar isso, é imperativo abordar a importância da pesquisa e do registro dessas práticas. A documentação adequada não apenas valida a relevância desses métodos de ensino, mas também permite a disseminação desses conhecimentos para além das fronteiras locais. Conforme Alves, Silva e Ferreira (2022, p. 105), “a pesquisa acadêmica desempenha um papel vital na preservação e promoção do ensino griô, fornecendo uma base teórica e prática para o desenvolvimento de políticas educacionais inclusivas e culturalmente sensíveis”. Portanto, investir em pesquisas que analisem a eficácia do ensino griô e proponham estratégias para sua integração no sistema educacional é essencial para garantir sua continuidade e relevância.

A intergeracionalidade no ensino griô é uma abordagem rica e multifacetada que transcende a simples transmissão de conhecimentos. Ela se manifesta como um fenômeno dinâmico, permeado por trocas e conexões entre gerações, e desempenha um papel crucial na preservação da identidade cultural, na promoção da diversidade e na construção de uma consciência coletiva. No entanto, seus desafios, como a resistência à mudança e a necessidade de inclusividade, demandam uma abordagem cuidadosa e adaptativa. Ela, quando compreendida e praticada de maneira sensível, pode servir como um farol para uma educação mais inclusiva, resiliente e profundamente enraizada na riqueza da diversidade cultural brasileira.

A abordagem educacional que se destaca na tradição oral dos griôs transcende a simples transmissão de conhecimento, adentrando o terreno da construção identitária das comunidades que a praticam. Segundo Alves, Silva e Ferreira (2022), essa forma de educação vai além da mera transmissão de informações, moldando as identidades das gerações envolvidas e entrelaçando-as com as raízes culturais específicas de cada comunidade. Dessa maneira, a narrativa griô não apenas comunica fatos históricos, mas contribui para a formação de uma consciência identitária profunda.

A atuação do griô como detentor de conhecimento assume, nesse contexto, um caráter mais amplo. Ele se torna um mediador cultural, desempenhando um papel ativo na construção de pontes entre tradições ancestrais e as demandas contemporâneas. Nas palavras de Barzano (2018, p. 86), “o griô é um agente de mediação que não apenas ecoa o passado, mas também ressoa nas preocupações do presente”. Aqui, a transmissão oral representa não apenas a comunicação de informações, mas um diálogo constante entre diferentes temporalidades, evidenciando a capacidade do griô de conectar passado e presente.

Entretanto, ao explorarmos essa abordagem educacional, deparamo-nos com desafios intrínsecos, especialmente diante da acelerada evolução tecnológica e social. Gomes (2019, p. 94) destaca que “a preservação da oralidade encontra obstáculos diante da hegemonia da escrita e da tecnologia digital”. Aqui, a tradição oral confronta-se com a predominância de formas mais modernas de comunicação, colocando em questão a eficácia e a relevância dessa abordagem em um mundo cada vez mais conectado digitalmente.

Outro ponto digno de reflexão é a relação entre a abordagem educacional griô e as instituições educacionais formais. Freire (2017, p. 145) ressalta que “a educação formal muitas vezes negligencia as fontes de conhecimento presentes nas comunidades”. Essa negligência cria um descompasso entre as práticas educacionais dos griôs e o sistema educacional tradicional, evidenciando a necessidade de um diálogo mais efetivo e integrador entre essas duas

abordagens.

No entanto, é essencial destacar que a tradição oral no ensino griô não é um fenômeno isolado. Ela está intrinsecamente ligada à preservação da identidade cultural e à construção de uma consciência coletiva. Segundo Santos (2021, p. 120), “o ensino griô fortalece os laços comunitários e reafirma a identidade cultural das comunidades”. Assim, a transmissão oral não é apenas um meio de comunicar conhecimento, mas uma prática que contribui para a coesão social e para a resistência cultural.

Contudo, a preservação da tradição oral no ensino griô enfrenta críticas, principalmente no que diz respeito à sua capacidade de inclusão. Paula (2015, p. 56) argumenta que “a tradição oral pode ser, inadvertidamente, excludente, favorecendo apenas aqueles que têm acesso direto aos griôs e suas comunidades”. Essa crítica destaca a importância de repensar estratégias que garantam que os benefícios da abordagem educacional griô se estendam a todos, independentemente de sua origem ou posição social.

Ao considerarmos a abordagem educacional griô, é possível vislumbrar seu potencial transformador em uma escala mais ampla. A diversidade cultural, expressa por meio das narrativas griôs, contribui para uma compreensão mais abrangente e plural do conhecimento. Conforme Alves, Silva e Ferreira (2022, p. 88) ressalta, “o ensino griô não é apenas uma expressão cultural local, mas um patrimônio da humanidade”. Dessa forma, a abordagem educacional griô transcende as fronteiras geográficas, promovendo um diálogo intercultural e enriquecendo a diversidade de perspectivas sobre o mundo.

Dessa forma, a abordagem educacional dos griôs, ancorada na tradição oral, é um fenômeno complexo e multifacetado que vai além da mera transmissão de conhecimento. Ela desempenha um papel fundamental na construção identitária, na resistência cultural e na promoção de uma consciência coletiva. Contudo, enfrenta desafios significativos, como a adaptação às mudanças sociais e a necessidade de inclusividade. A reflexão contínua sobre essa abordagem é crucial para garantir sua relevância e eficácia nas sociedades contemporâneas.

2.3 EXPRESSÕES CRIATIVAS NA TRANSMISSÃO DO CONHECIMENTO GRIÔ

A transmissão do conhecimento desempenha um papel crucial na construção e preservação das identidades culturais. Nesse contexto, as expressões criativas, sobretudo aquelas vinculadas à tradição griô, emergem como elementos fundamentais. A palavra "griô" tem suas raízes na tradição oral africana, representando os guardiões da história e da cultura. No entanto, a contemporaneidade destes agentes culturais é muitas vezes negligenciada, e urge

explorar as formas criativas que permeiam sua prática. No que concerne a isso, Dutra (2015) pode ser evocado ao esclarece que a tradição griô não é uma relíquia do passado, mas uma narrativa viva, sendo vital entender as manifestações criativas presentes na sua transmissão de conhecimento.

A abordagem griô, nesse contexto, transcende a mera entrega de informações. A música, a dança, a oralidade e outras expressões artísticas constituem veículos de transmissão que vão além do didatismo convencional. Ao revisitar a visão de Gomes (2019) sobre as práticas criativas dos griôs, percebe-se que esses elementos artísticos não são meros ornamentos, mas sim ferramentas hábeis na comunicação e preservação do conhecimento. Dessa forma, as expressões criativas tornam-se autênticos instrumentos pedagógicos, proporcionando uma experiência única de aprendizado.

Nesse contexto, a criatividade nas expressões dos griôs assume uma dimensão intergeracional, fomentando a continuidade da tradição. Nas palavras de Alves, Silva e Ferreira (2022), os griôs não apenas repassam fatos históricos, mas constroem narrativas que envolvem e inspiram as gerações mais jovens. Através da música, por exemplo, os griôs não só contam histórias, mas também as transformam em melodias que ressoam nos corações e mentes daqueles que as recebem. Dessa maneira, a transmissão do conhecimento griô não é um processo estático, mas sim um diálogo dinâmico que se estende por meio de expressões artísticas.

Outrossim, é relevante destacar que a criatividade presente na transmissão do conhecimento griô não se restringe às formas artísticas tradicionais. Paula (2015) salienta que a incorporação de novas tecnologias, como a utilização de meios digitais, amplia o alcance e a eficácia da prática griô. A adaptação criativa a ferramentas contemporâneas não apenas preserva a essência da tradição, mas também propicia uma conexão mais efetiva com as gerações contemporâneas, ávidas por novos formatos de aprendizado.

Contudo, é imperativo compreender que a expressividade criativa dos griôs não ocorre em um vácuo cultural. A influência da diáspora africana, por exemplo, desempenha um papel fundamental na configuração dessas práticas. Consoante Barzano (2018), a criatividade dos griôs é permeada por uma multiplicidade de influências culturais, que se entrelaçam para formar um mosaico rico e diversificado. Assim, ao examinarmos as expressões criativas na transmissão do conhecimento griô, é essencial situá-las em um contexto histórico e cultural mais amplo.

Ao refletir sobre o impacto social da transmissão do conhecimento pelos griôs, percebe-se que as expressões criativas não apenas perpetuam tradições, mas também desempenham um papel na promoção da inclusão e diversidade. A diversidade de linguagens artísticas e a abertura

para novas formas de expressão, conforme ressaltado por Pacheco e Santini (2010), contribuem para a construção de uma sociedade mais plural e inclusiva. Nesse sentido, as expressões criativas dos griôs não são apenas veículos de conhecimento, mas também agentes de transformação social.

Paradoxalmente, é possível argumentar que, apesar da vitalidade e riqueza das expressões criativas na transmissão do conhecimento griô, essas práticas enfrentam desafios em um mundo cada vez mais globalizado. O impacto da cultura dominante muitas vezes ameaça a preservação das tradições, conforme discutido por Santos (2021). A pressão para se conformar a padrões globais pode resultar na diluição da autenticidade cultural, representando um dilema para os griôs contemporâneos que buscam equilibrar a preservação da tradição com a necessidade de se adaptar às mudanças.

Numa perspectiva mais ampla, é pertinente questionar como as expressões criativas na transmissão do conhecimento griô podem dialogar com os desafios contemporâneos. A resposta a essa indagação, como sugerido por Alves, Silva e Ferreira (2022), pode residir na capacidade dos griôs de inovar sem perder a essência de suas práticas. A adaptação criativa, nesse sentido, não implica necessariamente na renúncia aos valores culturais, mas sim na habilidade de integrá-los de maneira sinérgica às demandas do contexto atual.

As expressões criativas na transmissão do conhecimento griô representam um campo vasto e multifacetado, onde tradição e inovação se entrelaçam. Ao analisar a obra de diversos autores brasileiros nos últimos cinco anos, percebemos a urgência de reconhecer a vitalidade dessas práticas e compreender seu papel na construção da identidade cultural. As expressões criativas dos griôs não são apenas formas de transmitir informações, mas sim meios poderosos de engajar, inspirar e preservar a riqueza da tradição oral africana.

A tradição griô, marcada por suas expressões criativas, transcende a mera transmissão de conhecimento, tornando-se um espaço dinâmico onde as narrativas se entrelaçam com a vivência cotidiana. Dutra (2015) ressalta que a contemporaneidade dos griôs não implica uma desvinculação das raízes ancestrais, mas sim uma adaptação dinâmica às demandas de uma sociedade em constante transformação. Ao reconhecer a tradição griô como um organismo vivo, podemos compreender melhor a vitalidade de suas expressões criativas na manutenção e renovação das práticas culturais.

No âmbito das expressões artísticas, a música ocupa um lugar de destaque na transmissão do conhecimento griô. Gomes (2019) destaca a musicalidade como uma linguagem que transcende fronteiras, unindo passado e presente de maneira singular. As canções dos griôs não apenas narram eventos históricos, mas, por meio da melodia e ritmo, carregam consigo as

emoções e o ethos de uma comunidade. A música, portanto, não é apenas um meio de transmissão, mas uma poderosa forma de imersão nas profundezas da cultura griô.

A intergeracionalidade no processo de transmissão do conhecimento, conforme discutido por Alves, Silva e Ferreira (2022), revela-se como um fator determinante na continuidade das práticas criativas dos griôs. Ao envolver as gerações mais jovens nas expressões artísticas, os griôs não apenas transferem informações, mas também instigam a participação ativa na preservação da cultura. A dança, por exemplo, emerge como uma forma de conexão física com as histórias contadas, transformando a aprendizagem em uma experiência multisensorial que transcende os limites do discurso.

A tecnologia, como abordado por Paula (2015), apresenta-se como uma ferramenta adicional na caixa de expressões criativas dos griôs. A incorporação de meios digitais na transmissão do conhecimento não apenas amplia o alcance geográfico, mas também oferece novos horizontes para a criatividade griô. Através de plataformas online e recursos multimídia, os griôs têm a oportunidade de moldar narrativas de maneiras inovadoras, dialogando com as dinâmicas contemporâneas sem perder a essência da tradição.

No entanto, é crucial considerar que a criatividade dos griôs está intrinsecamente ligada à riqueza da diversidade cultural, conforme apontado por Barzano (2018). A influência de diferentes culturas na prática griô enriquece as expressões criativas, proporcionando um panorama complexo e multifacetado. A diversidade, longe de ser um desafio à autenticidade, emerge como um elemento vital que contribui para a resiliência e adaptabilidade da tradição griô diante das mudanças culturais globais.

Ao abordar o impacto social das expressões criativas dos griôs, Pacheco e Santini (2010) destacam o papel destas na construção de pontes entre diferentes comunidades. Através da partilha criativa, os griôs promovem a compreensão mútua, desafiando estereótipos e promovendo uma apreciação mais profunda das riquezas culturais. A criatividade, portanto, não é apenas um meio de preservação, mas também uma ponte para o entendimento intercultural e a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Entretanto, a globalização e as pressões homogeneizadoras do mundo contemporâneo, conforme discutido por Santos (2021), impõem desafios significativos à preservação das tradições griô. A necessidade de adaptação não pode obscurecer a importância de manter a integridade cultural. A inovação criativa, conforme ressaltado por Alves, Silva e Ferreira (2022), deve ser cuidadosamente equilibrada para evitar a diluição da autenticidade, preservando a essência única da tradição griô.

Numa análise mais profunda, emerge a questão fundamental sobre como as expressões

criativas na transmissão do conhecimento griô podem se adaptar e enfrentar os desafios da contemporaneidade. A resposta a essa indagação, como sugerido por Alves, Silva e Ferreira (2022), não reside na renúncia às raízes culturais, mas sim na habilidade de reinventar-se de maneira a preservar e projetar a tradição para o futuro. A criatividade dos griôs, portanto, não é apenas uma resposta aos desafios, mas uma força motriz que molda o curso da tradição, mantendo-a relevante e vibrante em um mundo em constante evolução.

A compreensão da transmissão do conhecimento griô como um diálogo entre passado e presente destaca a importância de uma abordagem dinâmica para a criatividade. Dutra (2015) argumenta que essa dinâmica não é apenas uma reinterpretação dos mitos e histórias, mas sim uma resposta aos desafios e oportunidades que o presente oferece. A capacidade dos griôs de reinventar suas expressões criativas, portanto, é crucial para a adaptação contínua e a relevância cultural em um mundo em constante mutação.

A musicalidade, conforme discutido por Gomes (2019), não é apenas uma ferramenta estética na prática griô, mas uma linguagem que transcende as barreiras do tempo e espaço. As tradições musicais africanas, incorporando novos elementos e estilos, tornam-se uma manifestação da vitalidade da criatividade griô. A música não apenas preserva, mas também evolui, servindo como um elo entre as gerações e como um canal para a expressão individual e coletiva.

A intergeracionalidade na transmissão do conhecimento, como enfatizado por Alves, Silva e Ferreira (2022), não é apenas um processo unilateral de repasse de informações, mas uma troca enriquecedora entre as gerações. A dança, ao ser incorporada nesse processo, não é apenas uma forma de expressão física, mas também um meio de conexão profunda com as histórias contadas. A linguagem corporal, em sua diversidade, torna-se uma extensão das narrativas, permitindo que as experiências sejam compartilhadas de maneira mais íntima e intensa.

O uso de tecnologias, como proposto por Paula (2015), revela-se um capítulo contemporâneo intrigante na história da transmissão griô. A inserção de meios digitais não apenas amplifica o alcance, mas também redefine as formas de contar histórias. Podcasts, vídeos e plataformas online oferecem novos espaços para a criatividade griô florescer. No entanto, isso nos lembra que a adoção dessas ferramentas deve ser equilibrada, mantendo a essência da tradição, sem sucumbir às pressões da homogeneização cultural global.

A influência da diáspora africana, destacada por Barzano (2018), não é apenas uma nota de rodapé na narrativa da transmissão griô, mas um elemento central que confere uma riqueza única às expressões criativas. O entrelaçamento de influências culturais, longe de diluir a

autenticidade, enriquece a tapeçaria da tradição griô, destacando sua resiliência ao longo dos séculos. A diversidade cultural não é um desafio à integridade, mas sim uma fonte de inspiração e inovação.

As expressões criativas dos griôs, conforme discutido por Pacheco e Santini (2010), transcendem os limites culturais, assumindo um papel transformador na sociedade. Ao promoverem a diversidade, as expressões criativas tornam-se ferramentas para dismantlar estereótipos e construir pontes entre diferentes comunidades. A criatividade griô, nesse contexto, é uma força ativa na construção de um mundo mais inclusivo, onde as narrativas culturais são celebradas em sua pluralidade.

Entretanto, a globalização, como observado por Santos (2021), impõe desafios significativos à preservação das tradições. A pressão para conformidade com padrões globais pode resultar na perda de identidade cultural. A criatividade, portanto, emerge como uma ferramenta de resistência, permitindo que os griôs se adaptem sem perder a autenticidade. A inovação criativa, como apontam Alves, Silva e Ferreira (2022), não é uma ameaça, mas sim uma resposta proativa às mudanças globais, possibilitando que as tradições griô sejam continuamente reinventadas.

Em uma análise mais abrangente, é crucial questionar como as expressões criativas na transmissão do conhecimento griô podem impactar o futuro da tradição. A resposta a essa indagação, como sugerem Alves, Silva e Ferreira (2022), reside na capacidade de os griôs equilibrarem a preservação dos valores culturais com a necessidade de se adaptar às dinâmicas contemporâneas. A criatividade, nesse sentido, é uma força que não apenas preserva, mas também impulsiona a tradição para novas fronteiras, garantindo sua continuidade e relevância.

2.4 MÚSICA, DANÇA E ARTE COMO ELEMENTOS PEDAGÓGICOS GRIÔ

A música, a dança e a arte, enquanto manifestações culturais e expressões artísticas, desempenham papéis fundamentais no contexto educacional, configurando-se como elementos pedagógicos enraizados na tradição africana dos griôs. Essa abordagem pedagógica, inspirada nas práticas dos griôs, revela-se como um meio eficaz de transmitir conhecimento, valores e identidade cultural. Nesse sentido, a compreensão do papel desses elementos na educação contemporânea demanda uma análise crítica e sistemática, explorando as contribuições de autores contemporâneos brasileiros.

É válido considerar que a música, como componente central dos rituais griôs, transcende sua função meramente estética, adquirindo dimensões pedagógicas significativas. No

entendimento de Paula (2015), a música é um veículo poderoso de transmissão de conhecimento e tradição, atuando como um fio condutor entre gerações. O autor destaca a importância de abordagens pedagógicas que incorporem a musicalidade como recurso didático, destacando não apenas o conteúdo melódico, mas também as narrativas e significados culturais intrínsecos às composições.

Da mesma forma, a dança emerge como uma expressão artística capaz de consolidar os laços com a tradição griô. Conforme observado por Pacheco e Santini (2010), a dança, além de ser uma forma de celebração, constitui-se como um instrumento educacional que propicia a incorporação de valores culturais e sociais. A autora enfatiza a importância de integrar a dança no ambiente educacional como uma estratégia para promover a compreensão das raízes culturais, promovendo assim a formação integral do indivíduo.

No entanto, é imprescindível considerar que a utilização desses elementos pedagógicos não pode ser desvinculada do contexto artístico e cultural mais amplo. Conforme argumenta Santos (2021), a arte, incluindo música e dança, deve ser abordada de maneira contextualizada, considerando suas raízes históricas e culturais. A autora ressalta que, ao adotar elementos pedagógicos inspirados nos griôs, é necessário compreender as nuances e complexidades das tradições africanas, evitando assim a apropriação cultural e promovendo uma abordagem autêntica e respeitosa.

Nesse sentido, a abordagem pedagógica inspirada nos griôs transcende a mera transmissão de conhecimento, englobando também a promoção da identidade cultural. Para Alves, Silva e Ferreira (2022), a valorização da identidade é fundamental para o desenvolvimento cognitivo e emocional dos alunos. O autor destaca que a integração de elementos pedagógicos inspirados nos griôs contribui para a construção de uma identidade sólida, conectando os alunos às suas raízes e proporcionando um senso de pertencimento.

É importante destacar que a implementação efetiva desses elementos pedagógicos requer uma abordagem interdisciplinar e colaborativa. Conforme pontua Gomes (2019), a integração da música, dança e arte no currículo educacional demanda a colaboração entre professores de diferentes disciplinas, promovendo uma abordagem holística e enriquecedora. O autor ressalta que a interdisciplinaridade é essencial para criar experiências de aprendizagem mais significativas, conectando diferentes áreas do conhecimento e proporcionando uma compreensão mais abrangente e profunda.

No entanto, ao considerar a implementação de elementos pedagógicos inspirados nos griôs, é crucial abordar as questões de diversidade e inclusão. Conforme discutido por Pereira, Mota e Silva (2020), a educação baseada nas tradições griôs deve ser sensível às diversas

identidades culturais presentes na sala de aula. O autor destaca a importância de adaptar as práticas pedagógicas de forma a incluir e respeitar a diversidade cultural dos alunos, evitando assim reproduzir estereótipos ou excluir determinados grupos.

Outro aspecto relevante a ser considerado é a relação entre os elementos pedagógicos inspirados nos griôs e as tecnologias educacionais. A integração de recursos tecnológicos pode potencializar a eficácia dessas práticas, conforme apontado por Barzano (2018). O autor destaca que a incorporação de ferramentas digitais pode enriquecer as experiências de aprendizagem, permitindo uma maior interatividade, personalização e acesso a uma variedade de recursos culturais. No entanto, o autor ressalta a importância de equilibrar a tecnologia com abordagens mais tradicionais, garantindo que a essência das tradições griôs não seja perdida na era digital.

A adoção de elementos pedagógicos inspirados nos griôs, como música, dança e arte, revela-se como uma abordagem enriquecedora e transformadora no contexto educacional. Através da integração desses elementos, é possível promover não apenas a transmissão de conhecimento, mas também a valorização da identidade cultural, a inclusão e o desenvolvimento integral dos alunos. No entanto, é crucial que essa abordagem seja implementada de forma sensível, contextualizada e interdisciplinar, garantindo assim sua eficácia e respeito às diversas realidades culturais presentes na sociedade contemporânea.

A interconexão entre música, dança e arte como elementos pedagógicos inspirados nos griôs promove uma abordagem holística no processo educacional. Esses componentes culturais não se limitam a meras ferramentas de transmissão de conhecimento; ao contrário, configuram-se como catalisadores para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social dos alunos. Conforme ressaltado por Paula (2015), a música, quando incorporada à prática pedagógica, não apenas amplia a compreensão dos conteúdos curriculares, mas também estimula habilidades como a criatividade, a concentração e a sensibilidade artística. Assim, ao adotar a musicalidade como recurso didático, os educadores propiciam um ambiente enriquecedor, estimulando múltiplas inteligências e promovendo uma educação mais abrangente.

A dança, por sua vez, emerge como uma linguagem corporal que transcende barreiras culturais, promovendo a expressão e a comunicação. Pacheco e Santini (2010) destacam que a dança não é apenas uma manifestação artística, mas também uma forma de compreender e respeitar a diversidade cultural. Integrar a dança na educação, portanto, não apenas contribui para o desenvolvimento físico dos alunos, mas também fomenta a tolerância e o entendimento intercultural. O corpo em movimento torna-se um veículo de aprendizado, permitindo que os alunos explorem e internalizem conceitos de uma maneira única, proporcionando uma experiência educacional mais significativa e inclusiva.

No entanto, para efetivamente incorporar esses elementos pedagógicos inspirados nos griôs, é necessário ir além da superficialidade, contextualizando as práticas artísticas no cenário histórico e cultural. Como salientado por Santos (2021), a arte deve ser abordada de maneira crítica e contextualizada, reconhecendo as influências históricas e sociais que permeiam as tradições africanas. Essa abordagem não apenas enriquece o aprendizado, mas também promove uma compreensão mais profunda das raízes culturais, contribuindo para a construção de uma identidade cultural sólida e autêntica.

A valorização da identidade cultural, conforme destacado por Alves, Silva e Ferreira (2022), não se resume apenas à retórica, mas deve refletir-se nas práticas educacionais cotidianas. Integrar elementos pedagógicos inspirados nos griôs implica reconhecer e respeitar a diversidade presente nas salas de aula. Pereira, Mota e Silva (2020) salientam que a educação baseada nas tradições griôs deve ser sensível às diferentes identidades culturais dos alunos, evitando assim reproduzir estereótipos ou marginalizar determinados grupos. Essa abordagem inclusiva não apenas fortalece o senso de pertencimento, mas também prepara os alunos para uma convivência harmoniosa em sociedades cada vez mais diversas.

A interdisciplinaridade, conforme enfatizado por Gomes (2019), surge como um elemento-chave na efetiva implementação de práticas pedagógicas inspiradas nos griôs. A integração da música, dança e arte demanda uma colaboração estreita entre professores de diversas disciplinas, rompendo com a compartimentalização tradicional do conhecimento. Essa abordagem sinérgica não apenas proporciona uma compreensão mais abrangente dos conteúdos, mas também estimula a criatividade e a resolução de problemas, preparando os alunos para desafios complexos e interconectados do mundo contemporâneo.

No entanto, a tecnologia educacional emerge como uma ferramenta complementar, capaz de potencializar os benefícios desses elementos pedagógicos. Barzano (2018) destaca que a incorporação de recursos digitais pode enriquecer as experiências de aprendizagem, proporcionando acesso a uma variedade de informações culturais e facilitando a interação. Contudo, é essencial encontrar um equilíbrio entre abordagens mais tradicionais e o uso da tecnologia, garantindo que a essência das tradições griôs não seja diluída ou comprometida.

Considerando a complexidade da implementação desses elementos, é imperativo que os educadores estejam constantemente atualizados e engajados em práticas reflexivas. A formação contínua, conforme sugerido por diversos autores, é um componente essencial para garantir que os profissionais da educação estejam preparados para integrar de maneira eficaz os elementos pedagógicos inspirados nos griôs. Isso envolve não apenas a aquisição de conhecimentos técnicos, mas também o desenvolvimento de habilidades interpessoais, culturais e emocionais

necessárias para uma educação autêntica e transformadora.

Dessa forma, a música, a dança e a arte como elementos pedagógicos inspirados nos griôs não apenas enriquecem a transmissão de conhecimento, mas também promovem uma educação mais integrada, inclusiva e sensível às diversidades culturais. Ao reconhecer a importância desses elementos e contextualizá-los historicamente, os educadores podem proporcionar experiências de aprendizado significativas, contribuindo para a formação integral dos alunos e preparando-os para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo de maneira crítica e reflexiva.

CAPÍTULO 3: TEIAS DE EDUCAÇÃO, CULTURA E ANCESTRALIDADE EM UMA ESCOLA NO ESTADO DO AMAZONAS

3.1 CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS SOBRE O MUNICÍPIO DE MANACAPURU

A partir de uma aldeia de índios Mura, localizada na margem esquerda do Rio Solimões, surgiu um vilarejo que daria origem à cidade de Manacapuru. Manacapuru é uma palavra de origem indígena, derivada das expressões Manacá e Puru. Manacá, em tupi, significa FLOR. PURU, da mesma origem, quer dizer ENFEITADO, MATIZADO. Em função disso, Manacapuru na língua indígena tipo quer dizer “Flor Matizada”. Conhecida como Princesinha do Solimões (figura 1), a cidade de Manacapuru tem 90 anos de fundação, e está situada numa das belas regiões do Amazonas.

Figura 1: Manacapuru, com vista para a orla da cidade.



Fonte: Acervo de Fotografias de Sandro Hiroshi.

O desenvolvimento da cidade de Manacapuru nos dias atuais ainda se figura a partir das influências indígenas, bem como de toda a diversidade de povos que se estabeleceram no lugar. A presença dos índios Mura, segundo dados do IBGE, é datada de 1785, quando vieram habitar as margens do rio Solimões, pouco abaixo da foz do rio Manacapuru, sob a administração de Sebastião Pereira de Castro (Oliveira, 2017). A cultura manacupurense é influenciada em grande parte pela presença indígena, mas também de grupos de migrantes e imigrantes, em especial dos espanhóis. Destaca-se ainda a população nordestina que veio para Amazônia, a procura do ouro branco, o látex (Dias, 2017).

Diante disso, a cidade de Manacapuru possui uma riqueza cultural significativa, pois sua história se forjou a partir das relações sociais estabelecidas entre os nativos índios Mura e os grupos sociais que foram se estabelecendo aos poucos no território amazônico. As crenças e costumes foram se mesclando e evidenciam um certo ecumenismo cultural onde se valoriza aspectos sociais e culturais particulares em todo coletivo que molda os tempos atuais, por meio da dança e da música.

A cidade vem se modernizando rapidamente nos últimos anos para se torna um grande polo turístico econômico desse trecho do rio Solimões. Esse reconhecimento turístico está associado ao Festival de Ciranda de Manacapuru², que se constitui de uma disputa entre Flor Matizada, Guerreiros Mura e Tradicional, realizado no último fim de semana de agosto, no Parque do Ingá, e é considerado o 2º maior Festival Folclórico do Amazonas, que a cada ano tem atraído mais pessoas de diferentes estados, e mesmo de outros países.

3.2 EVOLUÇÃO

Os Muras estabeleceram-se à margem do lago de Manacapuru em 15 de fevereiro de 1786.

- ALDEAMENTO DE ÍNDIOS MURA - nome dado pelo Presidente da Província do Amazonas, Conselheiro Herculano Ferreira Pena, quando visitou Manacapuru em 1854, em seu relatório de viagem.

- FREGUESIA – criada pela Lei Provincial nº 148/65, de 12 de agosto de 1865, com o nome de Freguesia de Nossa Senhora de Nazaré de Manacapuru.

- VILA - criada pela Lei Estadual nº83, de 27 de setembro de 1894, com o nome “Cidade de Manacapuru”. Sendo o município desmembrado de Manaus.

- CIDADE – criada pela Lei nº 1.639/32, de 16 de julho de 1932 com o nome “Cidade de Manacapuru” – Em 10 de dezembro de 1981, pela Emenda Constitucional nº12, se desmembrou de Manaquiri, Beruri, Anamã e Caapiranga.

3.3 POPULAÇÃO

A população nativa de Manacapuru trás consigo muitos traços da beleza, da

² As cirandas de Manacapuru tiveram como origens a influência dos folguedos europeus e nordestinos, com suas raízes vindas de Portugal, tendo sido representadas inicialmente por mulheres de pescadores nordestinos que esperavam a volta de seus maridos do mar, cantando e dançando (Rodrigues, 2021, p. 18)

determinação e da bravura dos índios Mura. Tribo indígena de língua Tupi que teve papel muito importante na fundação do povoado que deu origem à cidade (figura 2).

Figura 2 - Foto de início da civilização de Manacapuru, as margens do Rio Solimões.



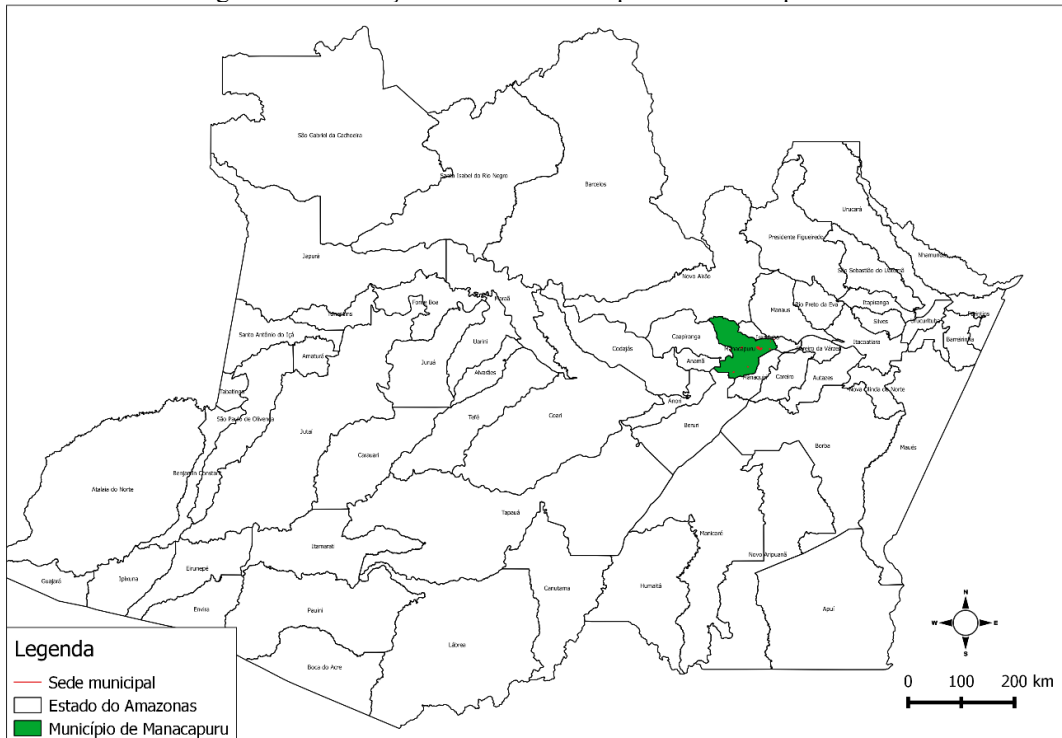
Fonte: Acervo de fotografia do Centro de Atendimento ao Turista – CAT.

Em 2022, a população era de 101.883 habitantes e a densidade demográfica era de 13,89 habitantes por quilômetro quadrado. Na comparação com outros municípios do estado, ficava entre os três municípios mais populosos do estado do Amazonas (IBGE, 2022).

3.4 ASPECTOS GEOGRÁFICOS E LIMITES

Manacapuru é um município localizado no estado do Amazonas, no Brasil. Suas características geográficas são marcadas principalmente pela sua localização na região central do estado e pela sua proximidade com a capital, Manaus (figura 3). O acesso ao município pode ser feito principalmente por via fluvial, através dos rios que cortam a região, bem como por estradas que conectam Manaus a outras cidades e regiões do estado. O município de Manacapuru possui uma superfície de 7.336,579 km² e limita-se com os seguintes municípios: Novo Airão (Norte); Iranduba (Nordeste); Manaquiri (Leste); Beruri (Sul); Anamá (Sudeste); Caapiranga (Oeste e Noroeste).

Figura 3: Localização e Limites Municipais de Manacapuru-AM



Fonte: Base cartográfica IBGE, 2010. Org: Serrão, 2023.

O município é cortado por diversos rios, sendo o rio Solimões o mais proeminente. Além disso, existem afluentes e igarapés que desembocam no rio principal, contribuindo para a riqueza da hidrografia local. O rio Manacapuru de águas escuras também desempenha um papel importante para o município. A coloração escura deste rio é provocada pela decomposição de vegetais como folhas, galhos e troncos de árvores. Também apresenta uma variedade de animais em convívio com a natureza e uma vegetação rica e variada de aves aquáticas como mergulhão, marreco e garça.

A região é predominantemente coberta pela floresta amazônica, com sua biodiversidade única. A vegetação é densa e exuberante, com uma grande variedade de espécies vegetais, desde árvores de grande porte até plantas rasteiras e trepadeiras. Quanto as questões climáticas, Manacapuru está localizado na região equatorial, caracterizada por um clima quente e úmido ao longo de todo o ano. As temperaturas são elevadas e há uma alta incidência de chuvas, especialmente durante a estação chuvosa, que geralmente ocorre de dezembro a maio.

Devido à sua localização na região amazônica, Manacapuru possui uma grande riqueza em recursos naturais, incluindo madeira, produtos florestais não madeireiros, como frutas, castanhas e plantas medicinais, bem como recursos pesqueiros, devido à abundância de peixes nos rios locais.

3.5 SÍMBOLOS

O que evoca, represente ou substitui algo abstratos ou ausente. Manacapuru possui três símbolos emanados do Poder Executivo, que são: a Bandeira, o Escudo e o Hino.

A **bandeira** do município é de uso obrigatório nos prédios públicos e nas ocasiões oficiais. A primeira bandeira do município foi oficializada pela lei n 029 de 11 de dezembro de 1973, tendo como autoria do projeto, a vereadora Zoraida Ribeiro Alexandre. Em 16 de julho de 1987 a lei municipal 09/87 altera o art. 1 da lei anterior, colocando no meio da faixa branca, em forma de leque, dois ramalhetes em cor verde, simbolizando a JUTA e a MALVA, produtos básicos da região (figura 4).

Figura 4 - Bandeira do município de Manacapuru



Fonte: Prefeitura Municipal de Manacapuru.

As letra da legenda MANACAPURU, escrita em cor dourada e no meio a faixa branca, em sentido semicírculo. A cor azul simboliza a pureza, a beleza do nosso céu, o branco simboliza a paz e o verde a floresta.

O **Brasão** (Figura 5) de Manacapuru está representado nas cores da bandeira (verde, branco e azul). Foi oficializado no mandato dos vereadores de 1948 a 1951 e era de autoria do vereador Mário Silva de Almeida. O escudo está na cor verde e representando o brasão temos a figura geométrica elipse branca, escrito de cor vermelha “PREFEITURA MUNICIPAL DE MANACAPURU – AMAZONAS”, seguido pela mesma figura geométrica de tamanho menor, escrito “PRINCESA DO SOLIMÕES” – Título dado a cidade pelos antigos moradores, por ser uma das cidades mais bem arrumadas da época.

Figura 5 – Brasão do município de Manacapuru.



Fonte: Prefeitura Municipal de Manacapuru.

No centro encontra-se uma folha de juta, produto que nos anos de 1960 a 1979 fez do município o maior produtor de juta das amazonas, o que era o principal produto básico da economia do município.

De autoria de Newton Aguiar, a letra e a música do hino de Manacapuru passaram a ser oficial através da Lei nº022, de 29 de novembro de 1977.

Salve, Manacapuru
 Taba ativa do Rio Solimões
 Salve, Manacapuru
 Tu plasmaste nossos corações
 Salve, Manacapuru
 Terra fértil de um povo viril,
 Os teus filhos se orgulham de ti,
 E engrandece a todo Brasil

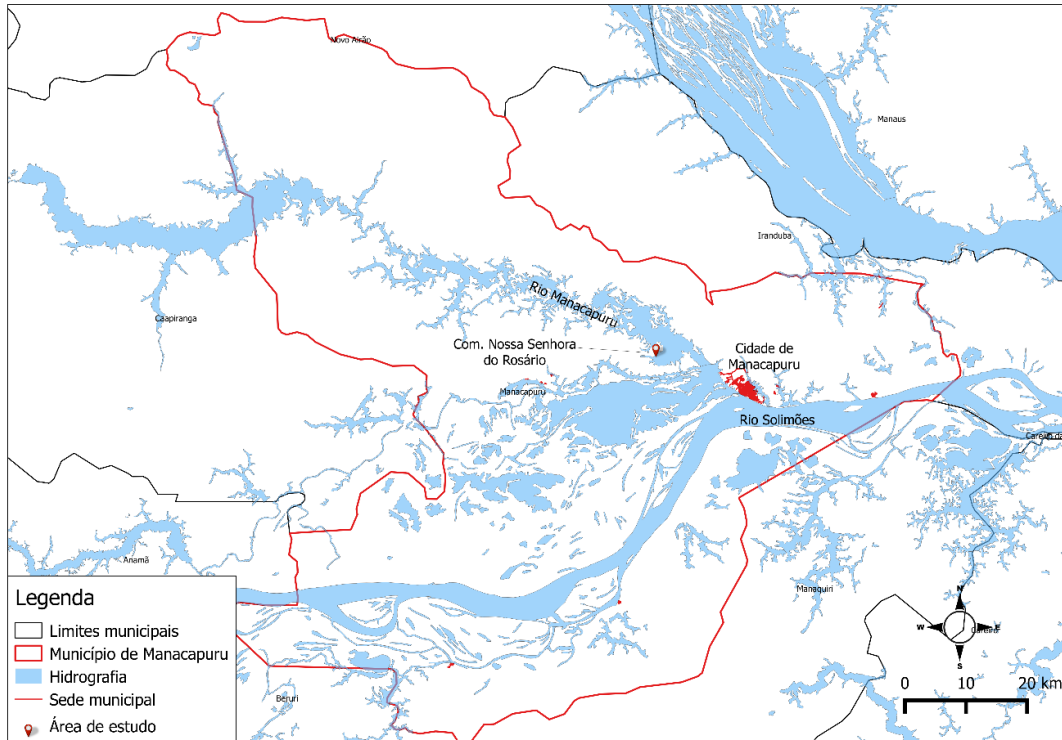
Eme a má, ene a ná, tens maná
 Cê a cá, manacá sempre tens tú
 Pê u pu, erre urú, formado está
 O teu nome Manacapuru

Salve, Manacapuru
 Tens nas águas piscosas, farturas
 Salve, Manacapuru
 Tens rebanhos à carne assegura
 Salve, Manacapuru
 Tens minério, castanha e madeira
 A instrução de Moral e Civismo
 De há muito é a tua bandeira.

3.6 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA

A comunidade Nossa Senhora do Rosário situa-se na Zona Rural do município de Manacapuru, á margem direita do Rio Manacapuru, sendo possível o acesso somente por via fluvial (figura 6).

Figura 6: Mapa de Localização da Comunidade Nossa Senhora do Rosário, Manacapuru - AM



Fonte: Base cartográfica IBGE, 2010. Org: Serrão, 2023.

Segundo pesquisa com populares, a história da comunidade do “ROSARINHO” tem sua gênese com seu mais antigo morador, que a nomeou a princípio de “ENSEADA” ou “COSTA DA CAJAZEIRA”.

Esse senhor atendia pela alcunha do “Borracha”, em razão de ter sido um Soldado do Borracha, mas seu nome de batismo era Raimundo Baltazar. Homens simples, religioso, devoto de Nossa Senhora do Rosário, segurava o terço três vezes ao dia, de joelhos. Baltazar visitava as casas das proximidades, para convidar os moradores a rezar em sua própria residência. Todos compareciam ao local, onde o mesmo possuía um grande altar de adoração a Nossa Senhora do Rosário.

Dessa forma, tal iniciativa despertou em seu filho mais novo a ideia de catequisar as crianças das localidades próximas, foi quando se tornou rotineiro aos ribeirinhos se reunirem aos sábados e domingos para cultuar a santa. Por ser uma comunidade de fé católica, celebra o

dia de sua padroeira no dia 07 de outubro, com procissão, missa, leilão, bingo, comida gratuita à todos, onde também são realizadas as festa juninas com fogueira, pau de cebo, levantamento de mastro, danças e comidas típicas.

As atividades socioeconômicas praticadas na localidade são oriundas da agricultura, pesca, colheita de açaí e criação de aves. A floresta, proporciona ao ribeirão o extrativismo e a madeira. A terra, seja ela de várzea ou terra firme é usada para a agricultura, pecuária e pequenas criações. A água, através da pesca tem possibilitado a reprodução de vida e sustento a dezenas de famílias da localidade, como relatado pelo morador Elcimar Perdigão da Silva, 49 anos,

Eu praticamente nasci aqui, toda a vida [...], 49 anos é aqui na comunidade, sou filho daqui da comunidade mesmo. E desse tempo né, eu estou morando é, constituí família aqui, tenho duas filhas que fazem parte já do grupo de aluno da escola, estuda uma no nono ano, outra no segundo ano, né, no Ensino Médio. Eu também sou aluno, estudo, vou fazer o terceiro ano esse ano. Ah, minha profissão de pescador se dá... A comunidade que trabalha nessa cultura, agricultura e pesca. Então, eu aprendi com pai, meu pai era pescador, [...] foi sócio da colônia de pescadores muito tempo, hoje aposentado. Então eu aprendi com ele essa prática, né? De pesca, né? Então essa a foi a forma que a gente achou pra desenvolver a família, ganhar algum recurso a mais, além da agricultura, através da pesca (Pesquisa de Campo, 2023).

Essa atividade, somada a agricultura dita o ritmo de vida de seus moradores, seu universo de vida, costumes, cultura. Essas atividades são passadas de pai para filho, os mais velhos relatam como nas palavras da agricultora Lucila Almeida do Carmo como essas tradições eram mantidas.

Eu tenho sessenta seis anos e moro aqui há quarenta anos. Profissão é, que eu comecei, é do tempo dos meus pais, foi na agricultura, né? Junto com meu pai plantando a roça, milho, macaxeira, cará, essas coisas que ele plantava na rocinha dele. Aí depois casei, né? Aí o meu esposo também agricultor e fomos mesma pra mesma lavoura, né da roça, plantio de roça, ele plantava roça, plantava milho, malva. Esses era os trabalhos que ele fazia da agricultura, né, e aí eu ajudava ele né, uma parte desses trabalhos assim, torração de farinha, da massa, né, meus filhos e depois já foram ficando grandinhos, aí era nós mesmo na lavoura (Pesquisa de Campo, 2023).

As experiências de vida dos ribeirinhos mantêm vivas as tradições culturais ancestrais, como músicas, danças, festivais religiosos e práticas agrícolas tradicionais. Essas tradições são transmitidas de geração em geração e enriquecem o tecido cultural da comunidade como um todo.

3.7 FUNDAÇÃO DA ESCOLA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

No dia 05 de agosto de 1985, sob a administração do Prefeito Paulo da Cunha Freire, fundou-se a Escola Municipal Vereador Francisco Soares Maia, na Zona Rural do Município de Manacapuru, com apenas uma sala de aula, onde atendia uma turma de 1ª a 4ª série. Com o crescimento da demanda, houve-se necessidade de mais salas para atender os alunos de 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental.

Havia necessidade de um espaço físico maior para atender a demanda local, em reunião decidiram que a referida escola mudaria para a ponta do vento na Comunidade do Rosarinho, onde não havia nenhuma estrutura física, apenas solo, árvores e sonhos. As comunidades unidas improvisaram pequenas barracas cobertas de palha e chão batido. Eram nessas condições que as atividades escolares aconteciam, “meninos e meninas de pés descalços no barro”, assim eram denominados na época.

A sensibilização do Poder Público se teve em uma matéria de jornal, onde mostrava a realidade daqueles alunos que estudavam em barracos de palha sem piso estrutura nenhum para uma educação de qualidade. As mídias marcaram a época, professores e alunos sonhavam com um espaço físico adequado e propício para um bom aprendizado.

Em janeiro de 2008, houve a transição da Secretaria Municipal de Educação - SEMEC para a Secretaria Estadual de Qualidade e Ensino - SEDUC, com isso a escola recebeu o nome: Escola Estadual Nossa Senhora do Rosário, tendo início suas atividades escolares em fevereiro de 2008 pelo Ato de Criação: Decreto Nº. 27.784 de 25 de Julho de 2008.

A escola está geograficamente localizada à margem direita do rio Manacapuru e o acesso a mesma só é possível via fluvial, com a presença de poucas moradias no entorno do educandário (figuras 7 e 8).

Figura 7: Localização da escola ampliada



Fonte: Google Earth, 2023.

Figura 8: Escola Nossa Senhora do Rosário, Manacapuru.



Fonte: Acervo da Professora Joana Brito.

A estrutura física da escola, é um prédio padronizado todo de alvenaria e laje, com uma cobertura de estrutura metálica coberta em telhas em cerâmica de barro. A divisão do prédio está panejada assim:

- 10 salas de aulas com capacidade para 40 alunos cada;
- 02 Banheiros (masculino e feminino);
- 01 Laboratório de Informática;

- 01 Sala da Secretaria;
- 01 Sala da Diretoria;
- 01 Sala da biblioteca;
- 01 Sala dos Professores (com banheiro);
- 01 Cozinha com depósito para armazenamento de merenda escolar.

Atualmente, a escola atende nas seguintes etapas e modalidades da educação básica: Ensino Fundamental Anos Iniciais - Ciclo Regular - e séries finais do Ensino Fundamental de 6º ao 9º ano na modalidade Mediado por Tecnologia; Ensino Médio Mediado por Tecnologia. Os horários de Funcionamento: Vespertino e Noturno.

Como a maioria dos alunos e professores moram em áreas adjacentes, precisam utilizar o transporte fluvial para chegar à escola. Parte dos funcionários e colaboradores (professores, gestor) residem na zona urbana do município, visitando periodicamente seus locais de moradia e família. Apesar dos desafios enfrentados pela comunidade escolar, alunos e professores demonstraram otimismo e um certo orgulho em estudar e trabalhar naquela instituição de ensino, pois a consideram um ambiente saudável e propício para ofertar e receber conhecimento, bem como pelo contato com a natureza que ambiente amazônico proporciona. O orgulho e a importância da escola ficou evidente nas palavras do senhor Alcimar,

Ela tem uma importância muito grande, né, porque ela desenvolveu ao povo da local, né? Sem a escola não seria possível acontecer isso, né? Eu passei muito tempo, costumo dizer para os meus, meus sobrinhos, filhos, né, que eu nunca hoje tenho estudado numa escola padrão. Sempre estudei na sala da casa de alguém, né, debaixo de árvore. O professor aqui não era formado, né, só sabia mesmo ler e escrever, no máximo, então sempre cheguei sempre. Mas chego sempre a vontade de estudar e hoje as minhas filhas têm essa oportunidade de estudar numa escola padrão, né? E que é importante para a comunidade que ela gera frutos bons para a comunidade crescer. Então daqui saiu pessoas, já teve pessoas trabalhando, empregados, alunos que foram formados aqui, então tem umas. Gerou uma série de frutos e oportunidades para as pessoas que estudaram aqui, que entraram aqui. Então, ela é importante sim para a comunidade, para mim, ela, se a escola, a comunidade não seria, não teria a cara que ela tem hoje. Não, o desenvolvimento que ela tem hoje. Ela, sem a escola não seria possível (Pesquisa de Campo, 2023).

Na dinâmica das escolas nas comunidades rurais, ressalta-se a existência de relações mais profundas com o meio natural, pois na vivência cotidiana amazônica os alunos são levados a compreender a importância de uma relação harmônica com a natureza, a partir do manejo dos recursos naturais de forma consciente.

Um importante projeto nessa perspectiva é o Horta na Escola, criado pelo professor Genilson, com objetivo de fortalecer a parceria entre a família e a escola, contribuindo com as práticas de agricultura, através do cultivo de verduras e plantas que fazem parte do cardápio e

enriquecem a merenda escolar.

Tendo em vista isso, Freitas (2013, p. 92) disserta que:

A Amazônia constitui uma região complexa, com processos econômicos em curso de expressão mundial, composta de áreas e populações urbanas, rurais e indígenas, de ocupação secular e milenar, e de reservas de proteção ao meio ambiente de manejo tradicional e recente. É premente a necessidade de a Amazônia ser desenvolvida pelo livre exercício do aproveitamento econômico dos seus recursos naturais, com disciplinamento e condições de ações de desenvolvimento econômico-social fundamentados na ordem institucional de seus Estados.

É de suma importância que a escola seja capaz de proporcionar aos alunos vivências que estejam relacionadas ao seu próprio mundo, transformando os conhecimentos que possuem em conteúdos das aulas em diferentes disciplinas, por meio de uma abordagem interdisciplinar que os evidencie como sujeitos protagonistas de suas realidades. O desenvolvimento da Amazônia em uma perspectiva ecológica e sustentável, requer como aponta Freitas de disciplinamento e consciência de esgotamento daquilo que é natural.

Nesse contexto, a Escola Estadual Nossa Senhora do Rosário atende alunos na faixa etária de 6 a 60 anos de idade. Em 2023, 202 alunos estavam matriculados, sendo 120 no turno vespertino e 82 no turno noturno, como demonstrado no (quadro 1).

Quadro 1 - Quantidade por Turno

ANO	QUANTIDADE	TURNO
1º ano	04	Vespertino
3º ano	07	Vespertino
4º ano	11	Vespertino
5º ano	18	Vespertino
6º ano	21	Vespertino
7º ano	11	Vespertino
8º ano	26	Vespertino
9º ano	25	Vespertino
1º ano	27	Noturno
2º ano	29	Noturno
3º ano	19	Noturno
EJA	07	Noturno

Fonte: Secretaria da Escola, 2023.

Pela condição de escola polo, parte dos alunos que compõe esse quadro são oriundos de diversas comunidades adjacentes, como Peixinho, Macuaçu, Macumirim, Ubim, Patoá, Igarapé do Santo Antônio, Igarapé do Espírito Santo, Cajazeiras, Irapajé e Rosarinho. As crianças e adolescentes que estudam no Fundamental I e II vivem sob a responsabilidade dos pais, sendo que alguns têm apenas a mãe como responsável. No entanto, há também aqueles que estão sob a

responsabilidade de avós e outros parentes.

A renda percapita das famílias e conseqüentemente dos alunos que frequentam a referida escola gira em torno de 2 salário mínimo, sendo que os recursos são oriundos da pesca, agricultura, extrativismo, benefícios sociais (Bolsa Família, Auxílio Estadual), aposentadorias e pensão.

Pelas características da comunidade escolar e pelo quantitativo de alunos que passa dos 205, a escola possui dez (10) professores, distribuído entre os diferentes níveis de ensino. Duas (2) merendeiras, dois (2) auxiliar se serviços gerais, dois agentes de portaria que inclusive trabalham como vigilante noturno. Completando o quadro de funcionários da escola, temos o um (1) secretário e 01 (um) gestor. Importante destacar que com excessão dos merendeiros e agentes de portaria que são da localidade, os demais são oriundos da cidade de Manacapuru.

3.7.1 Os impactos da seca na dinâmica pedagógica da Escola Escola Nossa Senhora do Rosário

A geografia da Amazônia possui características muito próprias, que na maioria das vezes influi na dinâmica da vida das comunidades rurais, bem como na ação pedagógica. Na realidade amazônica, a estiagem ou o período da seca ocorre todos os anos, mas em 2023 esta foi recorde e levou as estruturas governamentais, bem como a comunidade civiol a se organizarem a fim de promover o bem estar da população.

Alves *et al.* (2013, p. 50) expõe que:

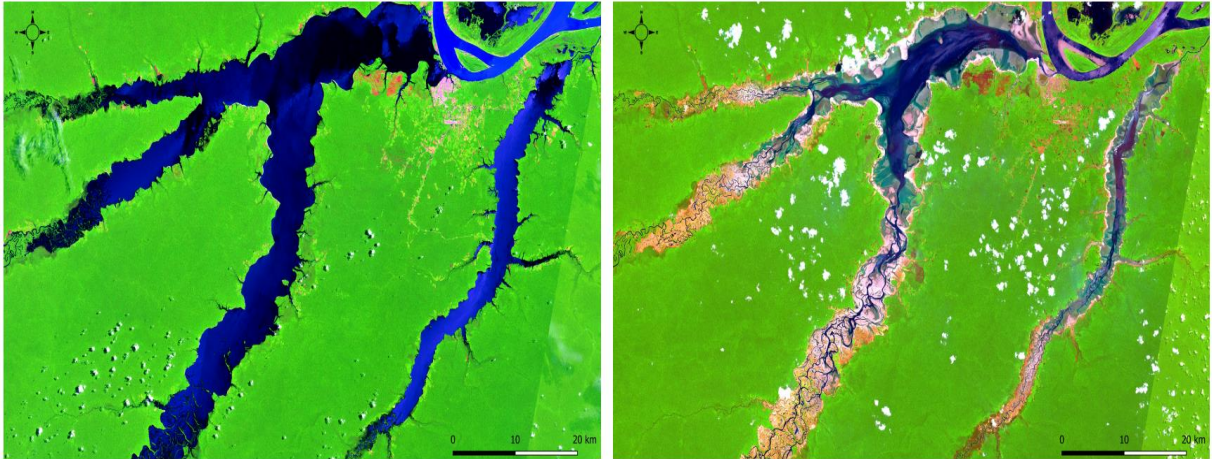
A região amazônica, por sua grande extensão territorial, possui regimes climáticos diferenciados. De norte a sul, observa-se uma grande variabilidade espacial e temporal da precipitação, na qual os eventos extremos de secas ou enchentes trazem conseqüências socioeconômicas importantes para vários setores da sociedade (agricultura, transportes, recursos hídricos, saúde, habitação).

A estiagem ou seca é um fenômeno natural que marca a realidade amazônica, há milhares de anos. Na história recente da bacia amazônica, grandes secas têm sido detectadas, entre elas citam-se as de 1912, 1925, 1964, 1980, 1983, 1997/98, 2005 e 2010 (Borna; Nobre, 2013). Em 2023, ocorreu a maior seca dos últimos anos, e de acordo com Nota Tência do Imazon e da MapBiomias, está relacionada a amazônica registaram condições de seca, com metade localizadas no estado (Ferreira; Souza Junior, 2023). Diante dessa realidade, das 62 cidades que compõem o estado do Amazonas, mais de 40 declararam situação de emergência. Os rios Amazonas e Negro sofreram com a diminuição do nível de água que desencadeou o

surgimento de extensos bancos de área, bem como a morte de milhares de peixes e dezenas de botos, deixando várias comunidades isoladas sem acesso a água e alimentação.

A figura 9, apresenta um comparativo entre a seca de 2022 e 2023.

Figura 9 – Registro comparativo da Seca 2022 e da Seca 2023



Fonte: Imazon/MapBiomias, 2023)

A partir do que se pode observar, fica evidente os grandes impactos da seca de 2023 na vidas da comunidades rurais, haja vista que muitas famílias foram obrigadas a percorrer longas distâncias em busca de suprimentos ou mesmo abandonar suas casas. A realidade da seca não é algo fora do contexto de vida do povo amazônico, mas com as mudanças climáticas constantes estas têm sido cada vez mais extremas e aumentando ainda mais os desafios no meio rural. Sabe-se que a rotina de vida é comandada pela dinâmica dos rios, da subida e da descida das águas, “o homem e o rio são dois mais ativos agentes da geografia humana da Amazônia. O rio enchendo a vida homem de motivações psicológicas, o rio imprimindo à sociedade rumos e tendências, criando tipos característicos na vida regional” (Tocantins, 2021, p. 324).

Essa dinâmica dos rios, especialmente quando se fala de seca, influenciou de maneira significativa no desenvolver desta pesquisa, pois a escola investigada foi afetada de maneira direta com a seca dos rios, visto que até o transporte entre as comunidades nas épocas de seca, torna-se ainda mais complexo e muitas vezes impossibilita o deslocamento (Fundação Amazônia Sustentável, 2022).

Sobre tais fatos o Presidente da Colônia de Pescadores, Marcos dos Santos Bindá, relatou que de 20 de outubro a 15 de dezembro algumas comunidades ficaram praticamente isoladas por conta da seca, como é o caso da comunidade do Rosarinho, local de desenvolvimento desta pesquisa. Em sua fala enfatizou que os associados evitaram ao máximo ir à cidade pela dificuldade de locomoção, pois a seca transformou a área dos rios em um

lamaçal. Havia pequenos canais de passagem, mas era preciso descer da embarcação para arrastá-la por quilômetros, tornando o percurso muito difícil, levando a perda do motor rabeta e da voadeira.

De acordo com a Nota Técnica do Imazon e MapBiomias, a cidade de Manacapuru ficou entre 10 cidades que mais perderam volume de água, cerca de mais de 20 mil hectares de superfície, representando em termos de extensão, a classe mais crítica (Ferreira; Souza Junior, 2023). A diminuição recorde do volume de água ocasionou muitos prejuízos, afetando mais de 600 mil pessoas em todo o estado.

Diante dessa realidade, durante o período da seca toda a equipe escolar teve de se adaptar a realidade, a fim de não deixar os alunos sem aula. Diante de todas as dificuldades de deslocamento dos alunos para a Escola Estadual Nossa Senhora do Rosário, os professores tiveram que se planejar para a elaboração de apostilas que pudessem ser utilizadas pelos alunos em casa.

Figura 10 – Professores elaborando apostilas no período da seca



Foto: Arquivo da Pesquisadora, 2023

Nas escolas ribeirinhas, a comunidade escolar enfrenta, ainda, anualmente, as alterações naturais dos rios, havendo necessidades específicas que precisam ser consideradas nas estratégias de planejamento e gestão educacional. O Estado do Amazonas conta com períodos de enchente, cheia, vazante e seca, que configuram todo o modo de vida das populações ribeirinhas, modificando as formas de transporte, atividades econômicas e organização social (Alencar; Costa, 2021, p. 3).

O subir e descer dos rios determina modos de vivência das povos ribeirinhos e do mesmo modo também os saberes se multiplam e se interligam com o cotidiano escolar. “Nos rios, abre-se um cenário de terras e de florestas. A Amazônia nasce, desenvolve-se, perdura, segundo o

evangelho escrito pelo rio” (Tocantins, 2021, p. 310). Nesse sentido, a vida daqueles que vivem tão próximos as águas é constantemente influenciada, acarretando mudanças sociais, culturais, e econômicas, bem como educacionais.

Partindo desse pressuposto é necessário salientar que os professores que trabalham na escola do Rosarinho, em sua maioria moram em Manacapuru e todos os dias pegam uma embarcação para ir até a comunidade. Semanalmente, os professores trabalham 16 (dezesesseis) horas em sala e 04 (quatro) horas de Horário de Tempo Pedagógico (HTP), que são direcionados para o planejamento das atividades que serão realizadas em sala de aula.

Os professores ressaltam que “o planejamento é flexível” pois no momento da aula pode ser necessário adaptações. O planejamento também acontece em casa, fora do horário do HTP, que nem sempre contempla o tempo satisfatório para produzir as atividades que serão executadas em sala de aula.

Alencar e Costa (2021, p. 10) concordam ao afirmar que:

Uma adaptação observada no currículo em relação aos períodos de seca e cheia é a flexibilidade do planejamento em relação aos conteúdos ministrados, principalmente durante a seca, que vai de junho a novembro na região. É nesse período que a escola enfrenta suas maiores dificuldades, pois conforme o rio seca e fica em baixo nível, os caminhos ficam mais longos, dificultando o acesso à escola.

O planejamento é indispensável na dinâmica das comunidades ribeirinhas, visto os tempos são determinados pelo ir e vir dos rios. Além da elaboração das apostilas para os alunos, coube aos professores também a missão de entregá-las, conforme mostra a figura 11, abaixo.

Figura 11 – Professores realizando a entrega de apostilas no período da seca



Foto: Arquivo da Pesquisadora, 2023

Figura 12 – Alunos recebendo as apostilas 1



Foto: Arquivo da Escola, 2023

Figura 13: Alunos recebendo as apostilas 2



Foto: Arquivo da Escola, 2023

Muitos foram os desafios enfrentados por professores e alunos durante o período da seca, principalmente no sentido de dá continuidade em projetos que visam ajudar as famílias da comunidade. Nesse período, tanto professores quanto alunos tiveram de se desdobrar para continuarem com aulas, mesmo em formato remoto, algo já vivenciado pouco tempo atrás em razão da Pandemia da Covid-19.

3.8 PEDAGOGIA GRIÔ: A EXPERIÊNCIA DA ESCOLA ESTADUAL NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

A pedagogia Griô é uma abordagem educacional que se baseia nas tradições culturais e na oralidade para promover o aprendizado e o desenvolvimento dos alunos. Sobre os resultados da pesquisa realizada na Escola Estadual Nossa Senhora do Rosário, Comunidade do Rosarinho, zona rural do município de Manacapuru, Amazonas, revelou resultados significativos.

Os resultados revelaram uma diversidade nas áreas de formação e tempo de atuação dos educadores em uma escola situada em área rural. As áreas de formação incluem Normal Superior, Pedagogia, Ensino Superior (sem especificação), Letras, Educação Física, Ciências Biológicas, e Artes, com tempos de atuação variando de 2 a 17 anos (quadro 3). Essa variedade de formações e experiências pode contribuir para um rico ambiente de aprendizado, oferecendo diferentes perspectivas e metodologias pedagógicas.

Quadro 3: Área e Tempo de Atuação dos Docentes

Pergunta: Qual sua área de formação e tempo de atuação na escola?	
Professor A	Normal Superior, 2 anos
Professor B	Pedagogia, 4 anos.
Professor C	Ensino superior. 3 anos.
Professor D	Letras. 10 anos.
Professor E	Pedagogia. 17 anos.
Professor F	Licenciatura plena em Educação Física, 3 anos.
Professor G	Licenciatura plena em Ciência Biológica, 5 anos.
Professor H	Licencia em Artes e Pedagogia, 3 anos com atuação na escola.

Fonte: Brito, Joseane (2021)

Quanto aos desafios enfrentados, foram identificados problemas como acessibilidade, falta de compromisso por parte das famílias, diversidade nos níveis de aprendizado dos alunos, desinteresse dos alunos, falta de material de apoio e o desafio de trabalhar com salas multisseriadas em zonas rurais (quadro 4). Além disso, o deslocamento até a escola, especialmente durante o período de seca, foi citado como um obstáculo significativo, destacando as dificuldades logísticas enfrentadas por educadores e alunos em áreas rurais.

Quadro 4: Desafios enfrentados pelos professores da escola.

Pergunta: Quais os principais desafios enfrentados na escola? Desde a acessibilidade, metodologias de ensino e sua atuação como professor de zona rural.	
Professor A	Acessibilidade, falta de compromisso por parte da família e outros.
Professor B	As diversidades são muitas, como alunos com índice baixo de aprendizado, faltas, desinteresse, acompanhamento dos pais e responsáveis.
Professor C	Os desafios são grandes, mais com muita força de vontade conseguimos vencer. Quanto à metodologia tento fazer o melhor para que os meus alunos possam ter bom êxito.
Professor D	Na questão de acessibilidade, não observo muitos obstáculos, pois a escola busca adaptar-se a esta necessidade. Hoje, o que mais compromete a aprendizagem é a falta de interesse do discente, ele dispõe de uma gama grande de recursos, mas, não valoriza. Quanto a metodologia, busco sempre os meios mais práticos a fim de facilitar a compreensão.
Professor E	Os fenômenos do natureza e a interação família e escola.
Professor F	Alfabetização das crianças e adolescentes.
Professor G	São vários, transporte, material de apoio, apoio dos pais referente ao alunos
Professor H	São inúmeros desafios, o principal que enfrentamos como professora da zona rural é trabalhar com sala multi etapa, ou seja, atender a classe de alunos de educação infantil e ensino fundamental I na mesma turma, (pre I ao 5º ano). Na metodologia de ensino o planejamento é primordial, nas atividades inseridas precisam ter estratégias de ensino que gerem entusiasmo, participação de forma positiva. Outro desafio que encontramos é no período da seca, andamos mais de 4 km para chegar à escola em dias intercalados. Não deixando de citar, todos os alunos moram próximo da escola.

Fonte: Brito, Joseane (2021).

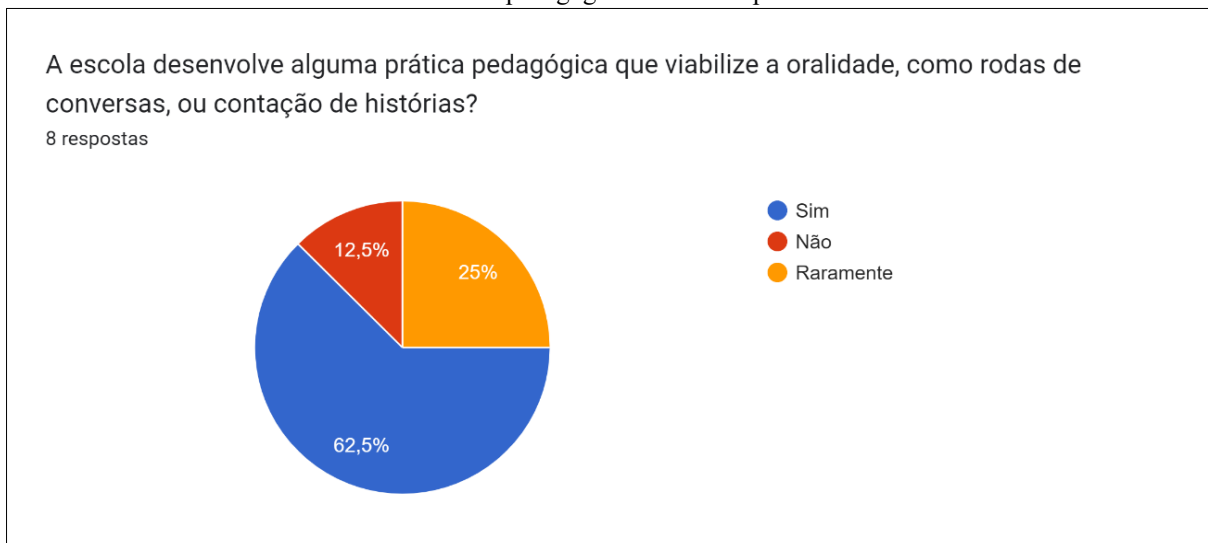
Entre os inúmeros desafios enfrentados pela escola no ano de 2023, podemos destacar a vazante/seca histórica que afetou as comunidades ribeirinhas do estado do Amazonas, não sendo diferente com o município de Manacapuru. Como relatado pelo vigilante da escola, seu

Everaldo da Silva Carvalho.

Esse ano na estiagem nós tivemos muitas dificuldades, e também como aluno, que nós também somos alunos da escola, os dois, né? Nós somos vigilantes da escola também, nós apesar de saber manusear os rios e os igarapés que tá ao redor da escola, a gente passava também por dificuldades. Muitas vezes a gente teria que ajudar os alunos e os professores que ficavam atolados pela lama por aí. Nós dava essa força pra eles. Nós estamos aqui trabalhando. É, graças a Deus, unidos né? Dando a mão um pro outro. A hora que o professor precisa de ajuda, a gente ajuda. Na hora que o gestor precisa de ajuda, a gente ajuda. Até mesmo o pessoal do serviço gerais, nós temos aqui, nós fazemos nosso serviço, nosso serviço é também social, né, por que quando a gente ajuda o próximo é um serviço social. E é assim que a gente tá tocando aqui esse ano de 2023. Foi um ano muito difícil. A estiagem, a escola passou por vários problemas por causa da estiagem, né? Tinha aluno que não vinha por causa da estiagem. Aí os professores começaram a levar o projeto, né? Fizeram um projeto para levar os trabalhos para as comunidades, mesmo nas casas dos alunos também, porque a locomoção para as comunidades ficou muito difícil, o acesso as comunidades. Então aí os professores com muita garra, com vontade de trabalhar, aí iam até os alunos levar os trabalhos para os alunos e aí graças a Deus, a gente conseguiu vencer assim, trabalhando muito, mas nós com a ajuda de Deus vencemos a estiagem (Entrevista, 2023).

A pesquisa revelou também que a maioria dos educadores (62,5%) afirma que suas escolas desenvolvem práticas pedagógicas que viabilizam a oralidade, como rodas de conversas ou contação de histórias. 12,5% relatou que a escola não adota tais práticas, enquanto 25% dos respondentes indicaram que essas atividades ocorrem de forma rara. Estes resultados sugerem que, embora a maior parte da instituição busque promover a oralidade como uma competência importante no processo educativo, ainda existe um percentual significativo de educadores em que essa prática é pouco frequente ou inexistente.

Gráfico 1: Práticas pedagógicas utilizadas pelos docentes.



Fonte: Brito, Joseane (2021)

A promoção da oralidade no ambiente escolar é reconhecida como uma prática pedagógica valiosa, capaz de desenvolver habilidades de comunicação, pensamento crítico e socialização entre os estudantes (Gomes, 2012). As rodas de conversa e a contação de histórias são exemplos de atividades que fomentam a expressão oral, a escuta ativa e a interação social, além de estimular a imaginação e a capacidade de narrativa dos alunos.

Certamente, não se trata de ensinar a falar. Trata-se de identificar a imensa riqueza e variedade de usos da língua. Talvez, a melhor maneira de determinar o lugar do estudo da fala em sala de aula seja especificando os aspectos nos quais um tal estudo tem a contribuir (Marcuschi, 2008, p. 24).

A oralidade tem sido historicamente uma das formas mais antigas e eficazes de transmitir conhecimento. Desde os tempos antigos, as sociedades têm contado histórias, cantado músicas e recitado poesias para preservar e transmitir tradições, valores e conhecimentos. No ambiente escolar, a oralidade permite que os professores comuniquem conceitos de forma clara e acessível, tornando o aprendizado mais envolvente e significativo para os alunos.

O fato de 62,5% dos professores da escola adotarem tais práticas indica uma conscientização sobre a importância da oralidade no desenvolvimento integral dos alunos. Contudo, a existência de 12,5% de escolas que não promovem essas atividades e de 25% que o fazem raramente aponta para desafios e oportunidades de melhoria. A variação na implementação dessas práticas pode refletir diferenças na formação docente, recursos disponíveis, ou prioridades pedagógicas das instituições.

Em relação a existência de uma relação de troca de conhecimentos entre a escola e a comunidade, 75% dos entrevistados (corpo docente da escola) afirmam ter essa interação. A ocorrência dessa interação se dá por meio de projetos específicos, palestras sobre temas de interesse comunitário, convivência harmoniosa que estimula o respeito mútuo e a boa recepção de pais, alunos e membros da comunidade. Entretanto, 12,5% dos entrevistados sugerem a ausência dessa prática de interação com a comunidade, enquanto 12,5% menciona que essa troca ocorre com pouca frequência (quadro 5).

Quadro 5: Interação e troca de conhecimento entre escola e comunidade.

Pergunta: Existe alguma relação de troca de conhecimento entre a escola e a comunidade?	
Professor A	Sim, a escola executa projeto da FAPEAM e outros onde realizamos uma troca de saberes.
Professor B	não
Professor C	Sim

Professor D	Sim, como exemplo podemos citar palestras de determinados temas de interesse dos comunitários.
Professor E	Poucas vezes
Professor F	Sim
Professor G	Sim
Professor H	Sim, existem um respeito e boa recepção da escola aos pais, alunos e comunidade estimulando uma convivência bem harmoniosa.

Fonte: Brito, Joseane (2021)

A interação entre escolas e comunidades é fundamental para criar um ambiente educacional rico e diversificado, que valoriza os saberes locais e promove o envolvimento comunitário no processo educativo. Quando a comunidade se envolve nas atividades escolares, os alunos tendem a se sentir mais motivados e engajados em seu processo de aprendizagem. Isso pode aumentar a frequência escolar, reduzir a evasão e melhorar o desempenho escolar (Cody, 1997).

Projetos como os financiados pela FAPEAM e outras iniciativas mencionadas pelos respondentes exemplificam como a escola podem atuar como pontes entre o conhecimento acadêmico e o saber comunitário, enriquecendo o currículo e proporcionando aos alunos uma aprendizagem mais significativa e contextualizada.

Aos que responderam ausência ou interações esporádicas, revelam que ainda existem desafios para a efetivação dessa relação de troca de forma mais ampla e consistente. A barreira para essa integração pode ser devida a diversos fatores, como a falta de recursos, dificuldades de comunicação entre a escola e a comunidade, ou uma visão educacional que não prioriza suficientemente o envolvimento comunitário.

A literatura educacional enfatiza a importância da parceria escola-comunidade como meio de promover uma educação mais inclusiva e relevante, que leve em conta as necessidades, a cultura e os interesses locais (Nogueira, 1999). Essas parcerias podem também fortalecer o senso de pertencimento e responsabilidade mútua entre a escola e a comunidade, contribuindo para o sucesso educacional e para o desenvolvimento comunitário.

Em relação ao questionário sobre as ações de inserção cultural que são promovidas pela escola com a participação da comunidade, revelou variedades de ações, com a participação da comunidade. Entre as atividades mencionadas, destacam-se festas escolares, apresentações culturais locais, festas juninas, datas comemorativas, jogos escolares, gincanas culturais, apresentação de lendas populares, e comemorações específicas como o Dia das Mães, Dia dos Pais e confraternizações natalinas. No entanto, também foi reportada a ausência em tais ações, como retratado no (quadro 6).

Quadro 6: Interação cultural entre escola e comunidade.

Pergunta: Quais ações de inserção cultural local são promovidas pela escola com a participação da comunidade?	
Professor A	O maior exemplo desse tipo de ações é a festa da escola, onde a comunidade realiza apresentações culturais locais.
Professor B	não há
Professor C	Reuniões, festas junina, datas comemorativas.
Professor D	Nesse item, não vejo nenhuma ação promovida pela escola
Professor E	As festas culturais e os jogos escolares
Professor F	Gincana cultural, apresentação de lendas populares.
Professor G	Comemoração, e reuniões
Professor H	A escola promove algumas ações, podemos citar as datas comemorativas que são realizadas no decorrer no ano: Dias das mães, dia dos pais e a confraternização natalina.

Fonte: Brito, Joseane (2021)

A inserção de ações culturais locais no ambiente escolar, com a participação ativa da comunidade, é uma prática valiosa para o reconhecimento e a valorização das tradições e da cultura local. Essas atividades não apenas enriquecem o currículo escolar, mas também fortalecem os laços entre a escola e a comunidade, promovendo um sentimento de pertencimento e identidade cultural entre os estudantes.

As festas escolares e as comemorações de datas significativas são exemplos de como a escola pode se abrir para a comunidade, transformando-se em um espaço de troca de saberes e experiências culturais. A realização de gincanas culturais e a apresentação de lendas populares são outras formas de inserir o conhecimento local no contexto educacional, estimulando o interesse dos alunos pela sua própria cultura e história.

Entre as ações interativas entre escola e comunidade, podemos destacar a experiência vivenciada pelos moradores locais e professores do educandário, como relatado pelo morador Alcimar,

Existe sim, essa relação, inclusive o ano passado, né? A gente fez pesquisa aqui na escola falando sobre a vida da comunidade, como seria a vida dos nossos antigos secundários idosos, não é? Como seria trazer essa informação para a escola, não é? Então ela tem assim uma relação muito boa e saber que a escola ela pode contribuir para ajudar a desenvolver a comunidade. Como aquele morador lá que está lá, já isolado, já sentado na redinha, na cadeira que não trabalha mais, mas que ele tem uma informação muito boa para ajudar a desenvolver com a escola. Então eu fiz essa pesquisa, todos os alunos da minha turma fizeram essa pesquisa, né? Em casa com o morador mais antigo da comunidade. E aí chegamos a conclusões, fazer um trabalho bom para a escola, apresentar para dizer assim que existia uma relação grande, não é? Importante para a vida da escola e da comunidade (Pesquisa de Campo, 2023).

Contudo, a menção à ausência de tais ações em algumas escolas aponta para a necessidade de uma maior conscientização sobre a importância da cultura local na educação. A

falta de iniciativas de inserção cultural pode ser atribuída a diversos fatores, como limitações de recursos, falta de apoio institucional, ou uma percepção reduzida da importância da cultura na formação integral dos alunos.

As respostas à sexta pergunta evidenciam uma percepção geral positiva sobre os resultados da troca de saberes no processo de ensino e aprendizagem. Os participantes destacaram o enriquecimento dos conhecimentos, aprendizado mútuo, maior informação sobre determinados assuntos, aprendizagem sobre nomes e personagens de lendas locais, evolução e aquisição de novos saberes, além da formação integral dos alunos, abrangendo desenvolvimento, conhecimento, atitudes, competências e habilidades adquiridas ao longo do ano. Uma resposta indicou a dificuldade de medir esses resultados sem uma pesquisa específica de medição (quadro 7).

Quadro 7: Troca de saberes entre escola e comunidade

Pergunta: Quais os resultados dessa troca de saberes no processo de ensino e aprendizagem?	
Professor A	O enriquecimento dos conhecimentos.
Professor B	Não soube responder
Professor C	Resultados positivos, aprendemos uns com os outros.
Professor D	Não dá para medir esse resultado, pois não fazemos uma pesquisa de medição junto à população
Professor E	As crianças ficam mais informadas sobre determinado assunto.
Professor F	As pessoas aprendem os nomes e os personagens das lendas e como aconteceu, os tais fatos contados!
Professor G	Até o momento estão evoluindo e adquirindo novos saberes
Professor H	No processo de ensino e aprendizagem posso mencionar a formação do aluno no processo de desenvolvimento, conhecimento, as atitudes, as competências e as habilidades que os estudantes obtiveram como resultado ao decorrer do ano.

Fonte: Brito, Joseane (2021)

A troca de saberes entre escola e comunidade é reconhecida como um fator enriquecedor para o processo de ensino e aprendizagem. Essa interação permite que o conhecimento circule além dos limites tradicionais da sala de aula, integrando saberes locais e acadêmicos, o que contribui para uma educação mais relevante e significativa para os alunos. A menção ao enriquecimento dos conhecimentos e ao aprendizado mútuo reflete a importância da construção coletiva do conhecimento, onde alunos, professores e membros da comunidade participam ativamente.

A aprendizagem sobre a cultura local, por meio de lendas e personagens, não apenas promove o conhecimento sobre o patrimônio cultural, mas também estimula a imaginação e a curiosidade dos estudantes. Essa abordagem pode facilitar a compreensão de conteúdos mais abstratos, tornando o aprendizado mais atraente e acessível.

Entre as ricas trocas culturais e de conhecimento, podemos destacar a falar do morador da comunidade, o senhor Elcimar Perdigão da Silva,

Bom, eu faço parte de uma associação de agricultores da comunidade, desde 1990 [...] por aí assim que ela foi fundada. E a gente, eu sou parte da diretoria dessa associação de moradores, né? Fui líder comunitário, e coordenador do núcleo do baixo Rio Manacapuru. Faço parte da comunidade do Rosarinho, comunidade Nossa Senhora do Rosário, trabalho na liturgia, na igreja. Então essa é a minha função na comunidade e o que a gente faz é um evento, não é anual, é chamada festa da Matrinchã, né? Realizado pela associação de moradores (Pesquisa de campo, 2023).

Os festejos nas comunidades ribeirinhas da Amazônia desempenham um papel fundamental na preservação da cultura, na coesão social e no fortalecimento da identidade local. A importância desses eventos vai além do entretenimento, sendo uma expressão viva da riqueza cultural e histórica dessas comunidades. Além disso, nas palavras do líder comunitário, outros conhecimentos são repassados aos mais jovens, inclusive a tradição da pesca e na conscientização do uso dos recursos.

É importante saber que, eu aprendi que como pescador a gente não pode retirar tudo que tá lá no rio, todas as espécies, tem espécies que precisam ser conservadas, ser preservadas. Então meu pai me ensinou tudo isso, é saber pescar, né, organizar a equipe de pescadores, o material que cê vai pescar, se é um peixe que tá em época de defeso a gente não pesca, porque precisa pensar no futuro. Então, isso foi uma prática que a gente veio aprendendo desde muito sempre, desde criança já veio sendo ensinado a trabalhar na pesca, sabia que dá resultado, mas também pescar com responsabilidade (Pesquisa de Campo, 2023).

Ainda que a dificuldade de medir os resultados dessa troca de saberes sem uma pesquisa específica aponta para a necessidade de métodos de avaliação que possam quantificar e qualificar o impacto dessas práticas no processo educacional. Isso sugere a importância de implementar mecanismos de avaliação que permitam monitorar e entender melhor os benefícios dessas interações para o ensino e a aprendizagem.

As respostas à sétima pergunta do questionário revelam uma diversidade de práticas em relação à exploração do saber tradicional nas escolas. A maioria das respostas (aproximadamente 71%) indica que o saber tradicional é explorado, muitas vezes através das figuras detentoras desse conhecimento, como caçadores, artesãos, benzedeiros, entre outros. Isso inclui a valorização das culturas materiais e imateriais, bem como a utilização da oralidade e experiências pessoais dos alunos relacionadas à natureza e ao uso de plantas medicinais. No entanto, uma resposta (aproximadamente 14%) menciona que essa prática ocorre "Poucas vezes", enquanto outra resposta (aproximadamente 14%) indica que o saber tradicional não é

explorado (quadro 8).

Quadro 8: Saberes tradicionais e sua utilização em práticas pedagógicas.

Pergunta: O saber tradicional, é explorado através das figuras detentoras desse mesmo saber? A título de exemplo: o caçador, o artesão, a benzedeira, etc...	
Professor A	Poucas vezes.
Professor B	Não
Professor C	Sim.
Professor D	Sim
Professor E	Sim. Por causa das culturas matérias e imateriais
Professor F	Sim.
Professor G	Sim
Professor H	Os saberes tradicionais são explorado pela oralidade dos próprios alunos, trazem no decorrer das aulas suas vivências com a natureza e da observação e experimentação e resultados, como por exemplo, na utilização das plantas medicinais.

Fonte: Brito, Joseane (2021).

A inclusão do saber tradicional no processo educativo é fundamental para a valorização das culturas locais e para o reconhecimento da diversidade de conhecimentos que constituem o patrimônio cultural de uma comunidade. A exploração desse saber por meio de figuras detentoras de conhecimentos específicos permite aos alunos uma conexão direta com as tradições e práticas de sua comunidade, promovendo uma aprendizagem significativa e contextualizada.

A menção à exploração do saber tradicional através da oralidade e das experiências pessoais dos alunos destaca a importância de métodos pedagógicos que valorizem o conhecimento empírico e as vivências individuais. Isso reforça o papel da escola como um espaço de troca e valorização de saberes diversos, contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência crítica e reflexiva sobre a cultura e a sociedade.

No entanto, a variação nas respostas indica que, enquanto algumas escolas estão engajadas na integração do saber tradicional no currículo, outras ainda encontram dificuldades ou resistências para fazer o mesmo. Isso pode ser reflexo de desafios relacionados à falta de recursos, à formação docente ou à valorização desses conhecimentos no contexto educacional mais amplo.

As respostas à oitava pergunta mostram unanimidade entre os participantes sobre a importância de incluir a cultura local no processo de aprendizagem dentro das escolas. Os respondentes destacaram diversos motivos para essa inclusão, como a preservação da história e essência da cultura local, a diversificação da aprendizagem, a transmissão da cultura dos antepassados para as gerações mais jovens, a valorização dos valores culturais e das pessoas da

localidade, o reconhecimento da cultura do município, e a formação de alunos críticos e conscientes de sua origem cultural (quadro 9).

Quadro 9: Aprendizagem e cultura local.

Pergunta: Você considera importante a escola incluir na aprendizagem a cultura local? Se sim, por que?	
Professor A	Sim, pois faz parte da sua história.
Professor B	Sim, a inclusão faz com que a cultura local seja preservada, não perdendo sua essência.
Professor C	Muito importante. Pois a aprendizagem é diversificada.
Professor D	Sim. Para transmitir aos mais jovens a cultura de seus antepassados.
Professor E	Sim! Pq com isso os valores de um povo nunca se perderá.
Professor F	Sim. Porque isso valoriza as pessoas que habitam ,nessa localidade.
Professor G	Sim, até mesmos pra reconhecer a cultura do nosso município que muito não sabem a sua origem
Professor H	Sim, a escola tem um papel fundamental no processo educacional, formando o aluno crítico e conhecedor da sua origem cultural.

Fonte: Brito, Joseane (2021).

A inclusão da cultura local na educação é amplamente reconhecida como um aspecto crucial para o desenvolvimento de uma identidade cultural forte e para a promoção do respeito e valorização das tradições e histórias locais. Ao integrar a cultura local no currículo escolar, os educadores podem proporcionar aos alunos uma compreensão mais profunda de sua própria herança, além de estimular o interesse e o respeito pela diversidade cultural.

A inserção dos elementos culturais locais na vida dos estudantes é de extrema importância, pois contribui significativamente para o desenvolvimento integral e a formação identitária dos alunos. Como relatada pela estudante de ensino médio, Graziela Vinhate da Silva (15 anos),

Entre as ações de inserção cultural local promovidas pela escola com participação da comunidade está a festa junina, realiza nos meses de junho, julho e agosto. Sobre as práticas culturais da minha comunidade que levamos e aprendemos é a dança, geralmente forro, brega, bolero. Na minha família, meus pais e irmão desenvolvem alguma atividade cultural ligada a torneios, festejos, igreja (Pesquisa de campo, 2023).

Essa abordagem educacional ajuda a construir uma ponte entre o passado e o presente, garantindo que o conhecimento e os valores transmitidos pelos antepassados sejam preservados e continuem a ser uma fonte de orgulho e identidade para as comunidades. Além disso, ao reconhecer e valorizar a cultura local, a escola desempenha um papel fundamental na formação de indivíduos críticos, que entendem e apreciam a importância da sua origem e contribuem para a sua preservação.

A inclusão da cultura local na aprendizagem também promove uma educação mais inclusiva e relevante, refletindo as realidades e experiências vividas pelos alunos fora do ambiente escolar. Isso não só enriquece o processo educativo, mas também fortalece os laços entre a escola e a comunidade, criando um ambiente de aprendizagem mais acolhedor e representativo das diversas identidades culturais presentes.

As respostas à nona pergunta sobre o conhecimento e desenvolvimento da prática da pedagogia griô indicam uma divisão equilibrada entre os participantes: 50% afirmaram não conhecer ou desenvolver a prática, enquanto os outros 50% indicaram ter conhecimento sobre a pedagogia griô, mas não a desenvolvem em sua prática pedagógica (Gráfico 2).

Gráfico 2: Utilização da prática pedagógica Pedagogia Griô.



Fonte: Brito, Joseane (2021).

A pedagogia griô é uma abordagem educacional que valoriza a transmissão oral de conhecimentos, sabedorias e tradições culturais, inspirando-se na figura dos griôs africanos, que são contadores de histórias, guardiões da memória e da tradição oral de seus povos. Essa pedagogia busca integrar saberes tradicionais e culturais no processo de ensino e aprendizagem, promovendo uma educação mais inclusiva e representativa das diversas identidades culturais presentes na sociedade.

A divisão nas respostas sugere uma oportunidade de ampliar o conhecimento e a aplicação dessa abordagem pedagógica nas escolas. O fato de metade dos participantes conhecer a pedagogia griô, mas não aplicá-la, pode indicar barreiras à sua implementação, como falta de recursos, formação específica ou apoio institucional.

Promover a formação de educadores sobre a pedagogia griô e suas potencialidades pode ser um passo importante para sua maior adoção. Essa abordagem pode enriquecer

significativamente o processo educativo, oferecendo aos alunos uma conexão mais profunda com suas heranças culturais e uma compreensão mais ampla das diversas formas de conhecimento e expressão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Pedagogia Griô se apresenta como uma abordagem pedagógica potencialmente transformadora no contexto educacional de uma escola do campo na Amazônia. Sua ênfase na valorização dos saberes locais, na promoção da oralidade, na interação comunitária e na contextualização do ensino oferece respostas concretas aos desafios enfrentados por essas escolas, além de ampliar as possibilidades de uma educação mais inclusiva e significativa para os estudantes ribeirinhos.

A pesquisa foi desenvolvida de forma participativa em momentos de diálogos em roda de conversa e individualmente com professores, estudantes, lideranças e moradores da Comunidade rural do Rosarinho, município de Manacapuru – AM. Para conhecer o cotidiano, desafios e interação da prática pedagógica Griô no contexto escola/comunidade, foi escolhida a escola estadual Nossa Senhora do Rosário, protagonizando retratar os diferentes elementos dessa pedagogia, pouco retratadas em estudos científicos.

Na escola estadual Nossa Senhora do Rosário, ao inserir elementos culturais locais na vida dos estudantes, a Pedagogia Griô vem contribuindo ainda que inconscientemente para fortalecer a identidade cultural, promover o respeito à diversidade, estimular o protagonismo dos alunos e favorecer um aprendizado mais contextualizado e relevante. Além disso, ao envolver a comunidade no processo educacional, essa abordagem pedagógica fortalece os laços entre escola e comunidade, ampliando as oportunidades de aprendizagem e contribuindo para o desenvolvimento integral dos estudantes.

Diante dos desafios específicos enfrentados pelas escolas do campo no município de Manacapuru, como a distância geográfica, a falta de recursos e as dificuldades de acesso, a Pedagogia Griô surge como uma alternativa promissora para promover uma educação de qualidade e alinhada com as necessidades e realidades locais. Portanto, sua implementação efetiva no sistema educacional dessas escolas pode representar um passo significativo em direção à construção de uma educação mais justa, inclusiva e transformadora na região amazônica.

Por meios dos resultados obtidos na pesquisa, constatou-se que por meio da Pedagogia Griô, os estudantes da escola Estadual Nossa Senhora do Rosário têm a oportunidade de se reconhecerem como agentes ativos na construção do conhecimento, valorizando suas próprias vivências e saberes. A partir dessa abordagem, a escola do campo no estado do Amazonas se torna um espaço de troca constante, onde as narrativas locais, as tradições culturais e os conhecimentos ancestrais são integrados ao currículo de forma orgânica e relevante.

Contudo, ressalta-se a relevância de uma abordagem reflexiva sobre a pedagogia Griô, especialmente no contexto educacional das escolas do campo na Amazônia. Através de uma retrospectiva teórica sólida, foi possível compreender como essa pedagogia se integra e fortalece o tecido cultural local, promovendo o respeito à diversidade e estimulando o protagonismo dos alunos. A pesquisa participativa realizada na escola estadual Nossa Senhora do Rosário, na Comunidade rural do Rosarinho, evidenciou os impactos positivos dos elementos e práticas da Pedagogia Griô, tanto no fortalecimento da identidade cultural quanto no estímulo ao desenvolvimento integral dos estudantes ribeirinhos.

Ao inserir elementos culturais locais no cotidiano escolar, a Pedagogia Griô não apenas enriquece o processo educacional, mas também fortalece os laços entre a escola e a comunidade, ampliando as oportunidades de aprendizagem e contribuindo para o desenvolvimento sustentável regional. Nesse sentido, é fundamental reconhecer o papel da escola como agente de transformação social, capacitando os estudantes para se tornarem líderes em suas comunidades e defensores do meio ambiente.

Portanto, a implementação efetiva da Pedagogia Griô requer um compromisso contínuo de todos os envolvidos no processo educativo, incluindo gestores escolares, professores, estudantes, familiares e membros da comunidade. É imprescindível promover uma formação adequada para os educadores, capacitando-os para aplicar de forma eficaz os princípios e práticas dessa abordagem pedagógica inovadora.

Dessa forma, é essencial estabelecer parcerias sólidas com instituições locais, líderes comunitários e organizações não governamentais, a fim de fortalecer o apoio à implementação da Pedagogia Griô e garantir recursos adicionais para sua sustentabilidade a longo prazo. Em suma, a Pedagogia Griô representa uma valiosa oportunidade para revolucionar o sistema educacional das escolas do campo na Amazônia, promovendo uma educação contextualizada, inclusiva e transformadora.

Por fim, destaco que a pesquisa realizada foi fundamentada em uma revisão bibliográfica abrangente e meticulosa sobre a pedagogia Griô e suas aplicações no contexto educacional, especialmente nas escolas do campo na Amazônia. Através dessa revisão, pude me apropriar dos principais conceitos, categorias e abordagens dessa pedagogia, embasando assim todo o processo investigativo.

Ao mergulhar na literatura especializada, pude compreender a essência da pedagogia Griô e sua relevância para a valorização dos saberes locais, a promoção da oralidade e a contextualização do ensino. Essa base teórica sólida foi essencial para nortear os diálogos em roda de conversa e as entrevistas individuais realizadas com professores, estudantes, lideranças

e moradores da Comunidade rural do Rosarinho, município de Manacapuru – AM.

Através desses métodos participativos, foi possível conhecer de forma mais aprofundada o cotidiano, os desafios e a interação da prática pedagógica Griô no contexto escola/comunidade. As narrativas compartilhadas durante esses momentos de diálogo foram cruciais para compreender como a pedagogia Griô reforça o pertencimento cultural, estimula o protagonismo dos alunos e promove um aprendizado mais contextualizado e relevante.

Portanto, a pesquisa desenvolvida, embasada em uma revisão bibliográfica cuidadosa e enriquecida por métodos participativos, proporcionou uma compreensão mais ampla e profunda da pedagogia Griô e de seu impacto no contexto educacional das escolas do campo na Amazônia. Essa abordagem metodológica contribuiu significativamente para elucidar como a pedagogia Griô integra os saberes tradicionais da Amazônia na cultura escolar e fortalece a especificidade da escolarização na floresta, representando assim uma valiosa contribuição para a construção de uma educação mais inclusiva e transformadora na região amazônica.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Danielle Golvim da Silva; COSTA, Francimara Souza da. Resiliência pedagógica: escolas ribeirinhas frente às variações de seca e cheia do Rio Amazonas. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 47, e230347, 2021
- ALVES, Patrícia da Silva; SILVA, Luziel Augusto da; FERREIRA, Ana Paula Romão de Souza. Da raiz ancestral aos saberes culturais: práticas educativas em educação das relações étnico-raciais através da pedagogia griô. **Conjecturas**, v. 22, n. 11, 2022. Disponível em: <http://conjecturas.org/index.php/edicoes/article/view/1461>. Acessado em: 3 dez. 2023.
- ALVES, Lincoln Muniz. Classificação de anos de seca. In: BORMA, Laura de Simone; NOBRE, Carlos (Orgs.). **Secas na Amazônia: causas e consequências**. São Paulo: Oficina de Textos, 2013.
- BARZANO, Marco Antônio Leandro. **Griô: dobras e avessos de uma ONG**. Pedagogia-Ponto de Cultura. Feira de Santana: UEFS Editora, 2018.
- BARZANO, Marco Antônio Leandro. Griôs: a sabedoria dos velhos africanos na cidade de Lençóis/BA. **Ensino em Re-vista (UFU. Impresso)**, v. 16, p. 245-257, 2009.
- BANDURA, Albert. **Social learning theory**. New York: Academic Press, 1977.
- CAVALCANTE, Ruth. Educação Biocêntrica: um portal de acesso à inteligência afetiva. **Pensamento Biocêntrico**, Pelotas, v. 6, n. 1, jun./dez., p. 9-30, 2006,
- CODY, Frank; SIQUEIRA, Sílvia. **Escola e Comunidade: Uma parceria necessária**. São Paulo: IBIS, 1997.
- COSTA, M. A. A Pedagogia Griô e suas contribuições para a construção de uma educação intercultural. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 7, n. 14, p. 89-101, 2014.
- COSTA, E. C. S. **Pedagogia Griô: Desafios e Perspectivas para a Educação Não-Formal**, 2014.
- DIAS, Daniel dos Santos. Manacapuru a “Princesinha do Solimões” no Amazonas é a “Terra das Cirandas”. Portal do Amazonas, 2017. Disponível em: <https://portaldoamazonas.com/manacapuru-a-princesinha-do-solimoes-no-amazonas-e-a-terra-das-cirandas/>. Acesso: 4 mar. 2024.
- DUTRA, Henrique Leonardo. Educação e cultura de tradição oral: um encontro com a Pedagogia Griô. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas – SP, 2015.
- FERREIRA, Bruno; SOUZA JUNIOR, Carlos. **Nota Técnica: seca severa no estado do Amazonas em setembro de 2023**. Manaus: Imazon/MapBiomias, 2023.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 14. ed. Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. Editora Paz e Terra, 2000.

FREITAS, Marilene Corrêa da Silva. **Metamorfoses da Amazônia**. 3. ed. Manaus: Valer, 2013,

FUNDAÇÃO AMAZÔNIA SUSTENTÁVEL. **Radar Educacional Amazônico**: Iniciativas promissoras para a educação de populações tradicionais da Amazônia. Manaus: Unibanco, 2022.

GADOTTI, Moacyr. **Perspectivas atuais da educação**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2012.

GOMES, Santos. **A exposição oral**: nos anos iniciais do ensino fundamental. São Paulo: Cortez, 2012.

GOMES, Vanderlei de Paula. Comunicações do corpo lugar e a pedagogia griô expressões e procedimentos de pertencimentos. 2019. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2019.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. São Paulo: DP&A Editora, 2018.

HAGE, Salomão. Pedagogia Griô: uma possibilidade para a educação escolar no campo. *Cadernos de Pesquisa*, v. 35, n. 125, p. 67-89, 2005.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A Estrutura dos Mitos. In: *Antropologia Estrutural*. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro. 1955.

LIMA, V. C. **Educação em África**: Limites e Possibilidades. EDUCAR. 2005.

LUCINI, Marizete; SANTANA, Lindiane de. Pedagogia griô e educação musical: diálogos possíveis entre a tradição oral e a tradição escrita. *Colloquium Humanarum*, v.16, n.1, 2019. Disponível em: <https://revistas.unoeste.br/index.php/ch/article/view/2934>. Acessado em: 1 dez. 2023.

MACHADO, Virginia. Definições de prática pedagógica e a didática sistêmica: considerações em espira. *Revista Didática Sistêmica*, v. 1, trimestral, out./dez., 2005.

MACHADO, Vanda. **Pele da cor da noite**. 2. ed. Salvador: EdUFBA, 2017.

MACHADO, Vanda. **Irê Ayó- Mitos Afro-brasileiros**. v. 1. Salvador: Edufba, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MIGNOLO, Walter D. **Histórias Locais/Projetos Globais**: Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar, UFMG, Belo Horizonte, 2003.

MOREIRA, Marco Antônio. **Teorias de Aprendizagem**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, LTDA, 1999.

MOREIRA, Marco Antônio. **Mapas conceituais e aprendizagem significativa**. [S.l.]: Editora

Centauro, 2010.

NOGUEIRA, Neide. A relação entre escola e comunidade na perspectiva dos Parâmetros Curriculares Nacionais. **Pátio-Revista Pedagógica**, Porto Alegre, ano 3, n. 10, p. 13- 17, ago/out, 1999.

ONG, Walter Jackson. **Oralidade e Cultura Escrita**. São Paulo: Papirus, 1998.

OLIVEIRA, Bruno André da Silva. **Manacapuru, és tu terra de índios Mura?** A diversidade etno-histórica à luz dos registros históricos e arqueológicos. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arqueologia) – Núcleo de Ensino Superior, Universidade do Estado do Amazonas, Manacapuru, 2017.

PAULA, Xavier Benjamin de. A educação das relações étnico-raciais, a pedagogia das africanidades e a Pedagogia Griô. In: PACHECO, Lilian; BATTISTELLA, Roberta Navas; BAIRON, Sérgio (org). **Diversitas: Dossiê pedagogia Griô**, FFLCH/USP, São Paulo, ano 2, n. 3, 2014-2015, p. 176-215.

PACHECO, Lilian. Pedagogia Griô: o lugar de fala e a ancestralidade. **Cadernos de Educação**, p. 35-40, 2006.

PACHECO, Lilian. **Pedagogia Griô: A Educação Griô em São Francisco do Conde-BA**. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Feira de Santana, 2011.

PACHECO, J. M. **Pedagogia Griô: Uma Pedagogia Para a Diversidade Cultural Brasileira**, 2015.

PAULA, J. S. Pedagogia Griô: um caminho para valorização da cultura afro-brasileira na escola. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

PAULA, R. C. M. **A Pedagogia Griô e a Formação de Professores na Educação Básica**, 2016.

PEREIRA, Luciana de Araújo; MOTA, Charles Maycon de Almeida; SILVA, Fabrício Oliveira da. Modos de viver, partilhar e construir experiências na Pedagogia Griô. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 14, 2020. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/3060>. Acessado em: 1 dez., 2023.

PIAGET, Jean. **Psicologia e Pedagogia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas**. CLACSO, Buenos Aires, Argentina. 2005.

RIBEIRO, M. G. Pedagogia Griô: tradição oral e cultura popular nas escolas de educação básica da Bahia. **Cadernos de Educação, Cultura e Comunicação**, v. 15, n. 32, p. 55-70, 2017.

SANTOS, A. R. Pedagogia Griô: uma experiência educativa criativa. **Educação e Cultura Contemporânea**, v. 16, n. 43, 118-130, 2019.

SANTOS, A. S. Educação do Campo na Amazônia: Reflexões sobre Contextos e Desafios. **Revista Desenvolvimento Rural Sustentável**, v. 10, n. 1, 2018.

SANTOS, Iago Cerqueira dos. Pedagogia Griô: paradigmas para a arte/educação com a tradição oral. **ARS**, São Paulo, v. 19, n. 43, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ars/article/view/178436>. Acessado em: 1 dez. 2023

SANTINI, Alexandre; PACHECO, Lillian. **Grãos de Luz e ação Griô**: articulação, formação, patrimônio, identidade, as tradições da oralidade na cultura brasileira. Almanaque Culturaviva, 2010

SILVA, M. A. A Pedagogia Griô na Educação do Campo: Um Estudo de Caso na Escola Nossa Senhora do Rosário, Rosarinho, Manacapuru/AM. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Amazonas, 2019.

SILVA, Doris Regina Barros da. Os contos e os pontos: o lugar do saber e os saberes que tem lugar nas rodas da Pedagogia Griô. Itabaiana, **GEPIADDE**, Ano 6, v. 11 jan./jun., 2012.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

SOUZA, Igor A. N. de. Museu de Armas General Osório. In: NAKAMUTA, Adriana Sanajotti; BELAS, Carla Arouca (Org.). **Reflexões discentes nas práticas interdisciplinares: propriedade intelectual e acervos e coleções**. Rio de Janeiro: Iphan/DAF/Copedoc, 2015, v. 10, p. 34-36.

TOCANTINS, Leandro. **O rio comanda a vida**: uma interpretação da Amazônia. 10. ed. Manaus: Valer, 2021.

TORO, Rolando. **Biodanza**. São Paulo: Olavobrás, 2002.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 1998.

WALLON, Henry . **L'évolution psychologique de l'enfant**. Paris: Armand Colin, 1968.

APÊNDICE – REGISTROS DO DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA



